

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” (UNESP)
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO (FAAC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

KETHLEEN GUERREIRO REBÊLO

**JORNALISMO ALTERNATIVO CONTEMPORÂNEO NO PORTAL SÁTIRA E
JORNAL DOIS**

BAURU-SP
2021

KETHLEEN GUERREIRO REBÊLO

**JORNALISMO ALTERNATIVO CONTEMPORÂNEO NO PORTAL SÁTIRA E
JORNAL DOIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Professor Doutor Maximiliano Martin Vicente.

BAURU-SP
2021

R291j

Rebêlo, Kethleen Guerreiro

Jornalismo Alternativo Contemporâneo no Portal Sátira e Jornal
Dois / Kethleen Guerreiro Rebêlo. -- Bauru, 2021

90 f. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientador: Maximiliano Martín Vicente

1. Jornalismo Alternativo Contemporâneo. 2. Epistemologias do
Sul. 3. Portal Sátira. 4. Jornal Dois. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE KETHLEEN GUERREIRO REBÊLO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 10 dias do mês de dezembro do ano de 2021, às 14:00 horas, no(a) via sistemas de videoconferência e outras ferramentas para comunicação a distância, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de KETHLEEN GUERREIRO REBÊLO, intitulada **Jornalismo alternativo contemporâneo no Portal Sátira e Jornal Dois..** A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado MAXIMILIANO MARTIN VICENTE (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design/UNESP Bauru, Professora Assistente Doutora ROSEANE ANDRELO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista , Professor Adjunto RAFAEL BELLAN RODRIGUES DE SOUZA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Comunicação / Universidade Federal do Espírito Santo. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovada _____. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Maximiliano Martin Vicente

Professor Associado MAXIMILIANO MARTIN VICENTE

KETHLEEN GUERREIRO REBÊLO

**JORNALISMO ALTERNATIVO CONTEMPORÂNEO NO PORTAL SÁTIRA E
JORNAL DOIS**

Área de Concentração: COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA

Linha de Pesquisa: PROCESSOS MUDIÁTICOS E PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS

Banca examinadora:

Prof.º Dr.º Maximiliano Martin Vicente (presidente e orientador)
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Prof.ª Dr.ª Roseane Andrelo
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Prof. Dr. Rafael Bellan
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

Dedico esta pesquisa a todos os jornalistas que, mesmo com todas as práticas de opressão e censura, permanecem sendo resistência.

AGRADECIMENTOS

Estudar sempre foi para mim mais do que um ato de resistência, sempre estudei por *hobby* e com prazer. Filha de professora de escola pública, cresci vendo minha mãe madrugar, se dividindo entre fazer os trabalhos da faculdade e seus planos de aula, e mesmo sendo tudo tão corrido, ainda assim achava incrível como ela conseguia conciliar trabalho, estudo e maternidade. Dona Rita, além de universitária, era professora de educação infantil e conseguia cuidar sozinha - com maestria - de dois filhos. O gosto em querer estudar e aprender cada vez mais surgiu assim, e escolher a docência e a ciência foi uma generosa consequência. Portanto, à minha mãe, minha eterna gratidão, por ser a maior incentivadora e professora de vida, que me ensinou desde pequena como ser uma verdadeira Ycamiaba: valente e determinada. Gratidão especial ao meu companheirinho de vida, Enrico Guerreiro, que mesmo tão pequeno consegue ser gigante para mim, és minha força e a razão de tudo, meu curumim.

Conclui a graduação em 2016 e já pensava em sair para o mestrado, até que descobri uma gravidez não planejada que me fez “adormecer” esse sonho por alguns anos para posteriormente ser possível me aventurar com meu pequeno Enrico na cidade sem limites do interior de São Paulo. Conduzida por um anjo da guarda chamado Carlos Monteiro, escolhi a UNESP por ser uma universidade que não me acolhia apenas como estudante, mas principalmente como mãe, pois disponibilizava creche e abrigava meu filho enquanto eu participava das aulas, já que éramos apenas nós dois. Sem conhecer absolutamente ninguém, em 2018 saí do Amazonas e fui para Bauru para prestar o processo seletivo para aluna regular do programa de Pós-graduação em Comunicação da UNESP (PPGCOM) e fui aprovada, tendo Maximiliano como orientador. A você, querido professor Max, gratidão por todos os aprendizados partilhados no decorrer deste processo. Obrigada pelas orientações humanizadas, compreensivas e por ter o dom de tornar essa caminhada mais leve e prazerosa. Obrigado por acreditar mais em mim do que eu mesma.

Agradeço imensamente a todo o corpo administrativo e docente do PPGCOM que sempre estiverem dispostos a contribuir conosco nessa jornada, em especial aos que tiveram um contato mais direto cedendo informações, orientações ou simplesmente sendo inspirações acadêmicas. Meus cordiais agradecimentos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por acreditar nesta pesquisa e fomentá-la (Processo nº. 2019/06525-4. Vigência: ago/2019-jul/2021). Gratidão, em especial à professora Dr^a. Raquel Cabral, por aceitar integrar a banca de qualificação deste

trabalho e a Prof^ª. Dr^ª. Roseane Andrelo, por estar não só na banca de qualificação como também na de defesa, junto do querido professor Dr. Rafael Bellan, que também agradeço muitíssimo.

Foi desafiador enfrentar inúmeras mudanças culturais, culinárias e climáticas, foi mais difícil ainda ficar longe de família e amigos e ir para um lugar totalmente desconhecido, sozinha com uma criança de apenas dois anos. Entretanto, a amizade e a companhia de pessoas que compreendem e servem como rede de apoio para que esse sonho se realize é primordial, principalmente nesta fase solitária de elaboração de dissertação, por isso, minha generosa gratidão aos amigos e amigas que o mestrado me trouxe: Diuan Feltrin, Monique Fogliatto, Monielly Barbosa, Taynara Ferrarezi, Ana Carolina Ribeiro, Érika Alfaro, Bernardo Fontaniello, Amanda Araújo (*in memoriam*) e toda a turma de pós-graduandos em comunicação de 2019.

Também expressei meus agradecimentos às amigas baurenses que ganhei e que foram família, em especial a querida Sônia e todos os amigos da igreja Presbiteriana de Bauru. A minha amada amiga Cris, e toda sua família, por abrirem as portas de sua casa inúmeras vezes. Daira e Safira, por dividirem seu apartamento comigo e Enrico. A família vôlei Unesp/Bauru por ter me proporcionado uma das experiências mais incríveis que já vivi, o Interunesp, e a toda equipe do CCI “Gente Miúda”, por terem cuidado tão bem do meu bem mais precioso e me permitido estudar sem preocupação nenhuma.

Por fim, agradeço aos meus familiares por serem a base que sempre precisei para me manter firme nessa jornada, de modo especial ao meu amor de irmão, Marcos Guerreiro, aos meus primos e amigos Ayrton e Arthur, minha mãe Irá, meu paidrinho Zé Agnaldo, meu avô Virgínio que aos 97 anos ainda tem a benção de estar conosco nesse plano e a toda minha “Guerreirada”. Gratidão também às trocas que tive com as amigas que quando estive distante foram minha companhia *online*: Alessandra, Paula, Janaína, Áurea e Jessica e aos que até hoje permanecem comigo: Norma, Carol, Dayane, Taíssa, Brenda, Cris, Bruna, Layla, Raienna, Mara e Helder.

O processo de elaboração desta dissertação foi desafiador, sobretudo porque se deu durante uma pandemia que desolou todo o planeta, principalmente o nosso país que atualmente é liderado por políticos desumanos que tiveram como evitar muitas mortes, porém se abstiveram. Em alguns momentos a vontade de desistir foi gigante, diante de tanta tristeza e perda, por isso gratidão especial a Deus, ao Universo e aos deuses amazônicos por terem concedido equilíbrio, saúde, fé e esperança para que chegássemos até aqui.

*A comunicação alternativa rompe o monopólio da informação
e abre caminho para a conquista de uma sociedade justa e solidária,
livre de amarras do capital e da exploração.
Há espaço para a construção de uma nova lógica comunicativa.*

Alexandre Haubrich

REBELO, Kethleen Guerreiro. **Jornalismo alternativo contemporâneo no Portal Sátira e Jornal Dois**. 2021. 90f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021.

RESUMO

A referida dissertação de mestrado apresenta discussões acerca do jornalismo alternativo como possibilidade teórica para realização de análise crítica de unidades de informações e processos de produção desta dinâmica comunicacional. Embora seja uma perspectiva que emerge há quase meio século, o estudo que aqui se segue busca investigar como a imprensa alternativa vem sendo desenvolvida na atualidade. Na tentativa de enriquecer o referencial teórico, fizemos articulações com as Epistemologias do Sul (SANTOS, 2010), Estudos Culturais e com os estudos das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 1997), por estarem inseridas no ramo da sociologia cultural, que preocupam-se com os processos sociais de toda a produção cultural e está presente, inclusive, nas formas de produção que podem ser designadas como ideologias, a qual compreende-se também que as concepções de mundo não são individuais, e sim coletivas. Com base nas principais características do jornalismo alternativo, apontadas por estudiosos referenciados no trabalho, este estudo exploratório propõe análise de coberturas e de conteúdos jornalísticos veiculados em dois meios de comunicação, o *Portal Sátira*, da cidade de Parintins, no Amazonas, e o *Jornal Dois*, de Bauru/SP, a fim de compreender como a presente dinâmica comunicacional vem sendo desenvolvida nos dias atuais. A metodologia utilizada se inspirou na Análise do Conteúdo (AC), proposta por Laurence Bardin (2009), articulada com a Entrevista, utilizada aqui como um procedimento técnico de coleta de dados. Os resultados obtidos apontam que o jornalismo alternativo pode ser articulado no sentido de contribuir para a desconstrução de desigualdade, silenciamento e exclusão de saberes, por meio de coberturas equilibradas, críticas e que privilegiem a pluralidade de vozes.

Palavras-chave: Jornalismo Alternativo Contemporâneo. Epistemologias do Sul. Portal Sátira. Jornal Dois.

REBELO, Kethleen Guerreiro. **Contemporary alternative journalism at Portal Sátira and Jornal Dois**. 2021. 90f. Dissertation (Masters in Communication). Postgraduate Program in Communication, Faculty of Architecture, Arts, Communication and Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021.

ABSTRACT

The referred master's thesis presents discussions about the alternative journalism as a theoretical possibility for carrying out a critical analysis of information units and production processes of this communicational dynamic. This journalistic bias had its boom around the leaden times of the military dictatorship (1964-1985); it is a counter-hegemonic perspective, which has production parameters that aim to promote reflections in the face of oppressive situations; it is aligned with the interests of the society; it exposes a multiplicity of political and social points of view, which serve as a strategic bridge for debates to be expanded and, therefore, understands the public as an active subject. Although it's a perspective that has been emerging for almost half of the century, this study seeks to investigate how the alternative press is being developed nowadays. In an attempt to enrich the theoretical framework, we made connections with the Epistemologies from the South (SANTOS, 2010), Cultural Studies and with the studies of Mediations (MARTÍN-BARBERO, 1997), as they are inserted in the field of cultural sociology, which are concerned with the social processes of all cultural production and even present in the forms of production that can be designated as ideologies, which also understand that worldviews are not individual, but collective. Based on the main characteristics of alternative journalism, pointed out by scholars referenced in the work, this exploratory study proposes an analysis of coverage and journalistic content conveyed in two media, the Portal Sátira website, from the city of Parintins, in Amazonas, and Jornal Dois, from Bauru/SP, in order to understand how the present communicational dynamics has been developed nowadays. The methodology used was inspired by the Content Analysis (CA), proposed by Laurence Bardin (2009), articulated with the Interview, used here as a technical procedure for data collection. It was understood that alternative journalism can be articulated in order to contribute to the deconstruction of inequality, silencing and exclusion of knowledge, through balanced, critical coverage that privileges the plurality of voices.

Key-words: Journalism Alternative Contemporary. Epistemologies from the South. Satira Portal. Jornal Dois.

REBELO, Guerrero Kethleen. **Periodismo alternativo contemporáneo en Portal Sátira y Jornal Dois**. 2021. 90f. Disertación (Maestría en Comunicación). Programa de Postgrado en Comunicación, Facultad de Arquitectura, Artes, Comunicación y Diseño, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021.

RESUMEN

La disertación de maestría presenta discusiones sobre el periodismo alternativo como una posibilidad teórica para realizar un análisis crítico de las unidades de información y los procesos de producción de esta dinámica comunicacional. Este sesgo periodístico tuvo su auge en los tiempos de plomo de la dictadura militar (1964-1985); es una perspectiva contrahegemónica, que tiene parámetros de producción que apuntan a promover reflexiones frente a situaciones de opresión; está alineado con los intereses de la sociedad; expone una multiplicidad de puntos de vista políticos y sociales, que sirven como puente estratégico para ampliar los debates y, por tanto, entender al público como sujeto activo. Si bien es una perspectiva que viene surgiendo desde hace casi medio siglo, el estudio que sigue busca indagar cómo se desarrolla la prensa alternativa en la actualidad. En un intento de enriquecer el marco teórico, realizamos conexiones con las Epistemologías del Sur (SANTOS, 2010), los Estudios Culturales y con los estudios de Mediaciones (MARTÍN-BARBERO, 1997), en tanto se insertan en el campo de la sociología cultural, que se ocupan de los procesos sociales de toda producción cultural e incluso está presente en las formas de producción que pueden designarse como ideologías, que también entienden que las cosmovisiones no son individuales, sino colectivas. A partir de las principales características del periodismo alternativo, señaladas por los estudiosos referenciados en el trabajo, este estudio exploratorio propone un análisis de las coberturas y contenidos periodísticos transmitidos en dos medios, Portal Sátira, en la ciudad de Parintins, en Amazonas, y Jornal Dois, de Bauru/SP, con el fin de comprender cómo se desarrolla la actual dinámica comunicacional en la actualidad. La metodología utilizada se inspiró en el Análisis de Contenido (CA), propuesto por Laurence Bardin (2009), articulado con la Entrevista, utilizada aquí como procedimiento técnico para la recolección de datos. Se entendió que el periodismo alternativo puede articularse en el sentido de contribuir a la deconstrucción de la desigualdad, el silenciamiento y la exclusión del saber, a través de una cobertura equilibrada, crítica, que privilegie la pluralidad de voces.

Palabras clave: Periodismo alternativo contemporáneo. Epistemologías del sur. Portal de la sátira. Periódico Dos.

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Comparações dos dois momentos da imprensa alternativa	30
Quadro 2: Categorias de análise	53
Quadro 3: Reportagens exploradas nas análises	57

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1: Frequência das narrativas a partir das categorias analíticas

80

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. COMUNICAÇÃO E JORNALISMO ALTERNATIVO.....	22
2.1 Epistemologias do sul e Ecologia de saberes.....	24
2.2 Epistemologias do sul e Comunicação.....	28
2.3 Comunicação e jornalismo alternativo: conceitos.....	30
3. CONCEITOS: ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDO DAS MEDIAÇÕES.....	40
3.1. Estudos Culturais.....	40
3.2. Estudos das Mediações.....	45
4. PERCURSO METODOLÓGICO.....	49
4.1. Materiais de análise.....	51
4.2. A análise de conteúdo.....	54
4.3. Categorias de análise.....	57
4.4. Entrevista.....	59
5. ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES.....	61
5.1. Análise 1: Esporte.....	63
5.2. Análise 2: Religião.....	68
5.3. Análise 3: Habitação.....	71
5.4. Análise 4: Saúde Mental.....	74
5.5. Análise 5: Lideranças religiosas.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	86

1. INTRODUÇÃO

Para este trabalho trouxemos conceitos de comunicação e jornalismo alternativos que perpassam pontos de vistas habitualmente reproduzidos. Utilizamos dicionários, livros e diversos trabalhos científicos - que serão apresentados no decorrer da redação – para ter porte de tais conhecimentos/conceitos e então nos apropriar e nos posicionar acerca do entendimento que melhor se encaixa nesta pesquisa. Iniciamos a referida busca apresentando o que se propaga sobre o termo alternativo no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis¹, versão *online*. Nessa dicionarização o termo apresenta diversos sentidos, podendo ser desde aquilo que se faz ou o que ocorre com alternância ou a solução para algo que parece não estar adequado. O termo também é apresentado como uma proposição de substituição de um sistema todo, bem como “um estilo de vida e pensamento que se opõe aos valores e costumes impostos e valorizados pela sociedade de consumo”.

A partir desta conceituação nos engajamos para identificar na comunicação alternativa, mais precisamente, no jornalismo alternativo, as especificidades, características e concepções práticas e técnicas desenvolvidas por esta dinâmica comunicacional na atualidade. Exibiremos, portanto, os conceitos dessas diretrizes para apresentar de que forma entendemos que o jornalismo alternativo contribui com a comunicação alternativa e como vem sendo desenvolvido nos dias de hoje. Para isso, tornou-se imprescindível fazer um apanhado de seu surgimento, como era exercido e como vem sendo praticado na contemporaneidade, trazendo sua trajetória e mutações.

Sabe-se que há alguns anos o jornalismo e a prática jornalística sofrem mudanças expressivas. Tais transformações afetaram diretamente a estrutura das empresas de comunicação que submeteram a produção jornalística à exploração da lógica do sistema capitalista, fazendo com que o jornalismo fosse de algo ligado à responsabilidade social a um jornalismo de mercado (PEREIRA, 2004). Na prática jornalística as mutações vão desde as novas formas de produção noticiosa, a rapidez das plataformas digitais até a crise da imprensa jornalística enquanto negócio. A lógica comercial é adotada e o jornalismo acaba perdendo seu papel crítico perante a sociedade. Os conteúdos veiculados de forma rápida são mais valorizados do que os produzidos de forma elaborada e em profundidade (MARCONDES FILHO, 2000).

¹ Acesso em 11/10/2021 - <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=alternativo>

Para se manter no emprego ou conseguir um melhor *status*, o jornalista se vê cada vez mais tentado a desrespeitar algumas regras morais e deontológicas da profissão (como à checagem sistemática das fontes ou o respeito à veracidade da informação) (PEREIRA, 2004, p. 10).

Foi a influência de fatores políticos e econômicos que fez com que o jornalismo se transformasse em um sistema industrial, ocasionando uma expressiva desigualdade informativa e deficiência de uma atividade crítica, que levante discussões e contextualizações aprofundadas. Essa deficiência e desigualdade resultam na exclusão e silenciamento de saberes sociais e culturais de minorias, que não contam com meios de comunicação que as representem, que deem ouvidos para que suas experiências sejam narradas por eles próprios e veiculadas, para que sejam sujeitos críticos às políticas dominantes e, assim, passem a fazer parte do que John Downing define como “grupos contra hegemônicos”.

Essas práticas repressoras foram constantes no colonialismo e no período da ditadura militar e, de certa forma, podemos dizer que sempre estiveram presentes ao longo da nossa história. A prisão, tortura e assassinato de jornalistas, como por exemplo, a de Vladimir Herzog, no ano de 1975, é um exemplo claro. Eugênio Bucci (2000) afirma que atualmente a democracia brasileira deve ao jornalismo o fato de que se “não fossem as reportagens, que expuseram a prática da tortura, as mordomias e a corrupção, entre tantas outras, o regime militar talvez durasse um pouco mais do que durou” (p. 41). Foram os alternativos os responsáveis também pela crítica na observância aos Direitos Humanos e ao modelo econômico do milagre brasileiro no período (KUCINSKI, 1991).

Pesquisas afirmam que a imprensa jornalística passou a seguir a lógica capitalista a partir da década de 1960, quando era desenvolvido um jornalismo que se assemelhava as linhas de uma produção industrial. Técnicas jornalísticas eram adotadas de forma em que esse processo acelerava inclusive a produção do jornal impresso, atendendo assim, os princípios mercadológicos.

O exercício cotidiano de empilhar o lead e a pirâmide invertida faz com que o jornalista perca a sensibilidade e a percepção para sutilezas e os meandros da realidade que envolvem a notícia e exercite mecânica e acriticamente uma tarefa tão vital para a sociedade. O jornalista pós-moderno transformou-se numa máquina de produção, de informação, um operário com demandas estipuladas e prazos de entrega a cumprir. O jornalista da era pós-moderna anula o senso crítico e a capacidade de

reflexão e permite-se o ato de submeter o lead e a pirâmide invertida à lógica de mercado. (MARSHALL, 2003, p.32).

A referida lógica sistemática também atinge diretamente a estrutura do texto jornalístico, uma vez que o resultado final deste acaba seguindo um caráter mais instrumental. Alinhado aos interesses do mercado, o jornal passa a ser produzido como uma espécie de manual da vida cotidiana e o jornalista assumindo o papel de um simples operário do sistema de produção capitalista (PEREIRA, 2004).

Diante desse cenário, acredita-se ser importante pesquisar dinâmicas comunicacionais que produzam conteúdos críticos, que veiculem notícias capazes de despertar no receptor inúmeras possibilidades de interpretações e que vão contra a lógica comercial do jornalismo. Acreditamos que o jornalismo alternativo contemporâneo - por ser um segmento que defende a comunicação alinhada aos interesses da sociedade e segue na contramão do poder vigente – sirva de aporte para o referido estudo, principalmente por ser um viés que não pensa o público como sujeito passivo, mas que entende que o receptor também interpreta as mensagens recebidas de acordo com suas experiências culturais e bagagem sociocognitiva.

Na tentativa de reafirmar que tal perspectiva possui parâmetros de produção que promove reflexões, expõe diversos pontos de vistas sociais e políticos e, principalmente, que serve como ponte para que debates sejam ampliados, realizamos articulações com os estudos culturais e com os estudos das mediações para desenvolver pesquisa exploratória, por meio de análises de conteúdos jornalísticos veiculados em mídia alternativa contemporânea de duas regiões distintas: norte e sudeste.

Destacamos que optamos pelas articulações com os estudos culturais e com as mediações por serem duas perspectivas que, assim como o jornalismo alternativo, defendem a promoção de reflexões e análises a partir da comunicação, incentivam o receptor a buscar mecanismos de compreensão e interpretação, dão ouvidos as minorias, são resistentes e, principalmente, por olharem a comunicação como cultura (HALL, 2001). No entanto, não nos aprofundaremos nas referidas discussões, utilizamo-las para buscar nas análises componentes que casam com suas características e então estabelecer relação.

Tomamos então como referência os preceitos dos estudos culturais e dos estudos das mediações para realizar análises de reportagens de dois jornais, o *Portal Sátira* (AM) e o *Jornal Dois* (SP). O *Portal Sátira* é um veículo de comunicação alternativa da cidade

de Parintins, no estado do Amazonas, que surgiu no ano de 2016, fruto do trabalho de conclusão de curso de um ex aluno do curso de jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). A referida mídia começou como um blog pessoal e tempos depois o criador, Gabriel Ferreira, decidiu transformá-lo em um portal de notícias. O portal contém espaço *web* multimidiático no âmbito do jornalismo digital e independente, que explora temáticas da região amazônica de forma compromissada. O *Jornal Dois*, por sua vez, é um veículo de comunicação que surgiu no dia 26 de novembro de 2017, na cidade de Bauru, estado de São Paulo. Também é fruto do trabalho de conclusão de curso, realizado por um grupo de ex alunos de jornalismo da Universidade Estadual Paulista (UNESP). O *Jornal Dois* passou a circular em Bauru para fazer contraponto às formas de como as desigualdades e opressões são veiculadas pela mídia tradicional. O veículo costuma posicionar-se contra as políticas de exclusão do capitalismo, que visa o lucro e trata as notícias como mercadoria.

Nesta pesquisa propomos uma análise das coberturas e dos conteúdos jornalísticos veiculados nos dois portais mencionados acima, a fim de compreender como o jornalismo alternativo vem sendo desenvolvido nos dias atuais. Entre as reportagens publicadas pelo *Portal Sátira*, realizamos o recorte a partir do ano de 2017, pois foi o período em que o portal se preparava para completar seu primeiro ano de existência e ocasião em que o veículo passava por mudanças estruturais. Entretanto, a pesquisa já havia iniciado quando nos deparamos com alguns desafios, inclusive com o fato do *Portal Sátira* ter saído do ar por um período. É importante destacar que tal desaparecimento é justamente uma característica muito presente neste viés jornalístico. No seu retorno, percebemos que alguns conteúdos – que já haviam sido coletados – desapareceram. Em contato com o responsável pelo portal, foi nos informado que fora retirado por ter sido detectado fortes indícios de plágio e/ou informações errôneas, restando assim apenas seis reportagens permanecidas no ar, todas estas analisadas neste estudo. No *Jornal Dois*, por sua vez, fizemos recortes que se deram a partir de coberturas noticiosa de fatos com as mesmas temáticas e veiculadas no mesmo período que o outro veículo analisado, porém ocorrida na cidade de Bauru/SP, para tanto, em nosso breve recorte analisamos reportagens veiculadas nos anos de 2017, 2018 e 2019 dos dois portais. Utilizamos a metodologia da análise de conteúdo (BARDIN, 2009) e com base nas características do jornalismo alternativo iniciamos nossas investigações para saber qual a concepção de jornalismo defendida pelo *Portal Sátira* e pelo *Jornal Dois* no que tange às características e especificidades da prática jornalística desempenhada pelos dois jornais.

Feitas as análises, desenvolvemos um estudo exploratório, acerca dos conteúdos jornalísticos veiculados pelos dois meios de comunicação, somados a entrevistas feitas com seus colaboradores, para levantar e avaliar informações que identificassem as especificidades e características de cada jornal, linha editorial e suas concepções práticas e técnicas acerca do jornalismo alternativo. Com isso buscamos saber como essa dinâmica comunicacional vem sendo desenvolvida na atualidade e quais são suas lutas e resistências.

Apresentamos o conteúdo na presente dissertação, que está dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo temos a introdução do trabalho, onde de início já apresentamos todo o caminho que foi percorrido no estudo; no segundo capítulo apresentamos as discussões sobre nosso ponto de partida: o jornalismo alternativo. Nele fizemos uma breve apresentação de como este viés jornalístico surgiu, em que cenário, com quais personagens, bem como os veículos que se viram motivados a trazer à tona a referida dinâmica comunicacional. Trouxemos também uma contextualização, através de quadro comparativo, para sabermos como este tem sido desenvolvido na contemporaneidade. Ainda neste capítulo, fazendo ligação com nosso tema central, entendemos que trazer as propostas das epistemologias do sul, *epistemicídio*, ecologias de saber e pensamento abissal, traria rica contribuição para o estudo, principalmente por se tratar de uma perspectiva atual e que vem tomando significativo espaço de discussão na academia.

No terceiro capítulo enlaçamos discussões sobre os estudos culturais e os estudos das mediações, uma vez que estes trazem em suas caracterizações princípios que reafirmam que tal perspectiva possui parâmetros de produção que promove reflexões, expõe diversos pontos de vistas sociais e políticos, e principalmente, que serve como ponte para que debates sejam ampliados. As abordagens sobre os estudos culturais e os estudos das mediações foram trazidos para o presente trabalho por estarem inseridos no ramo da sociologia cultural que preocupam-se com os processos sociais de toda a produção cultural e está presente, inclusive, nas formas de produção que podem ser designadas como ideologias (WILLIAMS, 2011).

O nosso quarto capítulo apresenta o percurso metodológico e as categorias de análise que utilizamos na pesquisa. Investigamos como o jornalismo alternativo vem sendo desenvolvido na contemporaneidade, por meio de estudo exploratório feito a partir das análises das reportagens veiculadas nos dois portais, partindo dos pressupostos das epistemologias do sul, dos estudos culturais e das mediações. Para a realização da análise

dos dados coletados, aplicamos os conceitos da metodologia análise de conteúdo (AC), com base nos direcionamentos propostos pela autora Laurence Bardin (1977). No quinto e último capítulo apresentamos as análises e interpretações que fizemos do material coletado.

2. COMUNICAÇÃO E JORNALISMO ALTERNATIVO

Quando se fala de comunicação ou jornalismo alternativos nos remetemos, *a priori*, aos tempos de chumbo da ditadura militar (1964-1985), período esse em que a comunicação alternativa teve seu *boom*. Bernardo Kucinski, Rivaldo Chinem e Perseu Abramo são autores clássicos, bastante referenciados em trabalhos acadêmicos que analisam especificamente os meios de comunicação que circularam durante o regime militar e/ou no início do processo de democratização do Brasil. Existem também vários trabalhos atuais que abordam a referida temática no determinado período histórico, como por exemplo o de Elisângela Colodeti (2016) e José Ismar Petrola Jorge Filho (2018). No entanto, o estudo que aqui se segue aborda a referida dinâmica comunicacional, denominada de jornalismo alternativo, à luz da contemporaneidade e apresenta como tal possibilidade midiática sobrevive ao longo dos anos e como vem sendo desenvolvida. Para isso, recorreremos a autores como Cecília Peruzzo, Denis de Moraes, Dennis de Oliveira, John Downing, entre outros.

Iniciamos a discussão relembrando que, durante o regime militar a imprensa e os jornalistas sofreram censuras, opressão, torturas e outras formas de violências (KUCINSKI, 2001). Naquela época, a mídia alternativa surgia desvinculada da grande imprensa, opositora dos militares, contestando e publicando denúncias contra o arbitrarismo exercido pelo regime militar. No entanto, John Downing (2002) também costuma chamar os mais variados tipos de comunicação alternativa de mídia radical, que são constituídos por iniciativas populares, não se restringem a jornais e são advindos de movimentos sociais. Essas dinâmicas também podem ser denominadas de comunicação participativa, comunitária e etc, por terem um nível significativo de participação popular que, de público receptor, passa também a ser emissor.

Como mencionado, a origem da comunicação ou imprensa alternativa está vinculada aos movimentos populares como reação aos ditames do regime militar, contudo não se pode deixar de mencionar o fato de que nas primeiras décadas do século passado também existiram jornais e outros meios de comunicação alternativa a serviço dos interesses dos trabalhadores (PERUZZO, 2004). O fato é que, comunicação participativa, popular, comunitária e/ou radical podem até se confundirem conceitualmente, mas em sua maioria os objetivos, as práticas e estratégias costumam ser semelhantes, apesar de algumas terem, ao longo do tempo, se segmentado ou restringindo a perfis específicos.

Vimos, portanto, que essa práxis comunicacional modifica-se de acordo com o contexto histórico em que é desenvolvida.

Diante disso, e movidos por vários questionamentos acerca do atual cenário em que vivemos no Brasil, onde presenciamos, em pleno século XXI, tentativas de censuras e opressões, vindas principalmente de um governo que ataca os veículos de comunicação e os jornalistas, decidimos investigar ao que a mídia alternativa contesta e ao que resiste hoje em dia.

Entretanto, achamos imprescindível apresentar inicialmente discussões que, assim como a ditadura militar, também carregam características de opressão e supressão de pensamentos, condutas e formas de saber. Para isso, trouxemos o colonialismo, detentor de um pensamento hegemônico que tem também como característica a lógica de exclusão, não dando oportunidade de coexistência a outros pensamentos ou a lados opostos ao poder vigente, que sacrifica e esgota todo o campo do pensamento adverso na tentativa de se firmar universal.

Há uma utópica afirmação de que, com os avanços econômicos e tecnológicos alcançados pela humanidade, tais condutas hegemônicas foram superadas, contando, é claro, com o auxílio da ciência. No entanto, Boaventura de Sousa Santos (2010b, p. 39) contesta essa afirmação quando nas epistemologias do sul, afirma que “*esta realidade é tão verdadeira hoje como no período colonial*”.

Santos e Meneses dizem que:

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade (2010, p. 7).

A seguir, apresentaremos não só o conceito da proposta das epistemologias do sul, mas também mostraremos as principais questões acerca do pensamento abissal, do *epistemicídio* e da ecologia de saberes. Essas questões foram levantadas para contrapor a soberania epistêmica da ciência moderna. Acredita-se que, para isso, é fundamental fazer o levantamento de identidades e culturas que foram por muito tempo silenciadas pelo colonialismo e pelo pensamento europeu, de um mundo que ignorou ou menosprezou a existência de outras interpretações existentes. O presente trabalho, portanto, privilegia os

saberes do sul global e, neste sentido, contribui com o campo dos estudos do jornalismo a partir de uma visão latino-americana.

2.1 Epistemologias do sul e Ecologia de saberes

Por se tratar de uma proposta subalterna, resistente, insurgente e alternativa contra a dominação capitalista e hegemônica, trouxemos discussões que reforçam não ser possível desvincular o pensamento das relações sociais e políticas. Para isso, apresentamos a proposta das epistemologias do sul, termo cunhado pelo autor Boaventura de Sousa Santos. Iniciamos contextualizando-a com o colonialismo. Santos diz que o colonialismo “foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 19), principalmente porque seu *modus operandi* fez com que as formas peculiares de saber das nações fossem suprimidas.

Para que possamos avançar nessa discussão, expomos os conceitos defendidos pelas epistemologias do sul:

Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos de ecologia de saberes. (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

A proposta da epistemologia do sul surge exatamente para constatar que, mesmo que o mundo seja múltiplo e tenha uma diversidade cultural extensa, ao longo da modernidade sempre houve uma forma hegemônica de produção de conhecimento que pautava no modelo epistemológico da ciência moderna, o que dificultou o surgimento de formas de saberes contra hegemônicos a esse modelo. Nesse cenário, surge o que Santos chama de *epistemicídio*, manifestado na supressão de modelos de saberes locais e na hierarquização e desvalorização de outros saberes, desperdiçando assim uma infinidade de perspectivas presentes na diversidade cultural e nas múltiplas cosmovisões que elas são capazes de produzir.

As epistemologias do sul apareceram então como uma denúncia à lógica hegemônica e epistêmica da ciência moderna, com o intuito de contribuir com o declínio de tal soberania pois, esta é uma lógica que se firmou através do silenciamento e da

exclusão de povos e culturas que, por muitos anos, foram reprimidos pelo colonialismo, pelo capitalismo e pelo patriarcado, componentes presentes nas epistemologias do norte.

Por meio das epistemologias do sul pretende-se superar o modelo de pensamento moderno ocidental, também chamado de pensamento abissal e que se assenta nos três princípios fundamentais já enunciados anteriormente: o colonialismo, o patriarcado e o capitalismo. Este pensamento é formado por meio de linhas imaginárias, dividindo o mundo e o polarizando em duas esferas: norte e sul. Merece ser dito que norte e sul não são apenas conceitos geográficos e sim metafóricos. Mesmo que coincidentemente o norte (Europa e os países desenvolvidos) seja identificado como o detentor e elaborador do pensamento moderno ligado ao capitalismo e às práticas de exclusão de outros saberes, na visão de Boaventura de Sousa Santos, ele se encontra, também, no sul. Assim, se pode falar da existência de componentes do pensamento do norte no sul e de pensamento do sul no norte. Basta ver, por exemplo, na Europa, como são tratados os imigrantes e os grupos minoritários em alguns países, como os ciganos na Espanha que sofrem discriminação histórica.

Temos então um mundo dividido entre os que estão “do lado de cá da linha” e os que estão “do lado de lá da linha”. “A divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente” (SANTOS, 2010b, p. 32). Um exemplo muito evidente dessa divisão do pensamento abissal é no conhecimento moderno, a linha abissal está entre o que é considerado verdadeiro e o que é considerado falso, onde a ciência moderna é quem possui o monopólio que os distingue universalmente. Obviamente o correto, para esse tipo de abordagem, é o pensamento colonial e os valores implícitos do capitalismo. O restante é visto como inferior e a via de regra nem sequer é considerado como civilizado ou levado minimamente em consideração.

Essas linhas abissais, com o passar da História, acabam por se deslocar, não estando fixas sempre na mesma posição. Dois exemplos acerca desse deslocamento são, primeiro: as lutas anticoloniais e, segundo: a expansão da linha dos pertencentes a linha sul entrando na divisória da linha norte, onde passa-se do paradigma da emancipação para o paradigma da apropriação. Surge então o programa de superação do pensamento abissal, instituído pela ecologia dos saberes, condensado em cinco principais ideias. A primeira é de que a epistemologia dominante está determinada em uma dupla diferença, a diferença cultural (mundo moderno cristão ocidental) e a diferença política (colonialismo e capitalismo). A segunda, por sua vez, é a ideia do *epistemicídio* (supressão dos saberes

locais) que é ocasionado pela interferência dos termos citados anteriormente. A terceira sugere que a ciência moderna não é incondicionalmente um mal ou um bem, tornando possível perceber o caráter contextual que esta possui. A quarta ideia propõe que, atualmente, é compreensível, de forma mais clara, as possibilidades de surgimento de diversas epistemologias alternativas. Por fim, a quinta apresenta uma melhor aceitação da diversidade epistemológica do mundo, pois esta possibilita um aumento dos critérios de validade do conhecimento, fazendo com que se tornem “visíveis e credíveis espectros muito mais amplos de ações e de agentes sociais” (SANTOS; MENESES; 2010, p. 18).

O pensamento abissal e a lógica de exclusão podem ser superados por meio do que é chamado de pensamento pós-abissal:

O pensamento pós-abissal parte da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e que esta diversidade continua desprovida de uma epistemologia adequada. Por outras palavras, a diversidade epistemológica do mundo continua por construir (SANTOS, 2010b, p. 51).

Além disso:

O pensamento pós-abissal parte do reconhecimento de que a exclusão social no seu sentido mais amplo toma diferentes formas conforme é determinada por uma linha abissal ou não-abissal, e que, enquanto a exclusão abissalmente definida persistir, não será possível qualquer alternativa pós-capitalista progressista (SANTOS, 2010b, p. 52).

De acordo com o que fora exposto, podemos afirmar com Santos (2010b, p. 53) que “o pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o sul usando uma epistemologia do sul”. Para que o pensamento pós-abissal emerja há uma condição que Santos (IDEM, p. 53) chama de *copresença radical*, que supõe o abandono da ideia linear da História, assim como a superação da intolerância, possibilitando levar a um novo modo de compreender a dimensão histórica, que defende que contemporaneidade é simultaneidade e pluralidade de saberes. E é justamente o que a epistemologia do sul compreende, que “práticas e agentes de ambos os lados da linha são contemporâneos em termos igualitários” (IBIDEM, p. 53). Portanto, a ideia de uma ser superior a outra é descartada desde a ótica das epistemologias do sul. Aliás, Boaventura vai além. Chega a afirmar que as epistemologias do norte são as responsáveis pelo fracasso humanitário que vivemos na atualidade: crise ambiental, crises humanitárias de diversas ordens, adoção

do pensamento único e supressão sistemática de pensamentos alternativos, entre muitos outros itens que poderiam ser enumerados.

Quando reconhecemos a extensa diversidade epistemológica do mundo, damos vida a chamada *ecologia de saberes*, que ganha forma advinda do pensamento pós-abissal. Esse reconhecimento significa renunciar toda e qualquer epistemologia geral, uma epistemologia geral negativa, tal como proposta por Santos. É justamente nesse contexto que encontramos sua principal diferença em relação ao modelo epistêmico soberano: “o reconhecimento de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico” (IBIDEM, p. 54).

Vale salientar que, ao reconhecermos essa pluralidade de saberes, não categorizamos ou hierarquizamos cada um deles. Apenas se consideram todos no mesmo patamar e se procura entender que valores e princípios carregam e como devem ser levados em consideração na hora de se abordar as questões sociais.

A ecologia de saberes enfrenta o desafio de ter uma crença moderna na ciência, que até hoje é tomada por única forma de conhecimento válido, revelando uma das mais poderosas premissas do pensamento abissal.

Em face da soberania epistêmica da ciência moderna, a ecologia de saberes se propõe a ser uma via alternativa que privilegia o pensamento pluralista e propositivo. Enquanto plural, a ecologia de saberes permite que os conhecimentos se cruzem. (GOMES, 2012, p. 49)

O resultado do referido cruzamento de saberes deriva, por sua vez, na pluralidade de ignorâncias. Nesse caso, a ignorância não precisa mais ser entendida como Santos aponta, em que “necessariamente um estado original ou ponto de partida. Pode ser um ponto de chegada. Pode ser o resultado do esquecimento ou desaprendizagem implícitos num processo de aprendizagem recíproca” (2010b, p. 56). A partir da vasta diversidade do mundo, acredita-se em um pluralismo epistemológico, capaz de reconhecer a existência de várias visões que contribuam de forma significativa para a expansão dos horizontes da experiência humana, das experiências culturais, bem como das experiências e práticas sociais alternativas.

Mesmo que a reconheça como uma das principais ferramentas do pensamento abissal, uma ecologia de saberes não se orienta em abstrair a ciência moderna, esta compreende o limite da ciência, sejam eles internos ou externos, de modo que favoreça a

busca de credibilidade para os conhecimentos que são considerados não científicos. “A ecologia de saberes não concebe os conhecimentos em abstrato, mas antes como práticas de conhecimento que possibilitam ou impedem certas intervenções no mundo real” (SANTOS, 2010, p. 59).

Portanto, entendemos que, para que seja possível superar e combater o pensamento abissal e a ciência moderna, com sua soberania epistêmica, declaradamente dotados por uma lógica dicotômica e excludente, faz-se necessário adotar a proposta das epistemologias do sul, provável a partir do horizonte de uma ecologia de saberes, pois esta parte da aceitação e reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo, e pode tornar possível diálogos entre os mais diversos tipos de saberes. “A ecologia de saberes é uma epistemologia destabilizadora (*sic*) no sentido em que se empenha numa crítica radical da política do possível, sem ceder a uma política impossível” (SANTOS, 2010b, p. 64). Por este motivo, considera-se que as epistemologias do sul pretendem ser uma via alternativa a um modelo epistemológico e existente, que sempre fez frente aos interesses colonialistas e capitalistas.

Entre outros pontos que as questões anteriores levantam, quando aplicados ao jornalismo, nos fazem pensar que a denominada mídia massiva hegemônica, ainda nos dias de hoje, apresentou visões e interpretações de fatos bem próximos do que Boaventura classificou como as epistemologias do norte. Entretanto, seguindo as mesmas observações do pensador português, concomitantemente a outras versões e abordagens, existiram mesmo não tendo tanto destaque como as mídias massivas. De forma ampla, essa mídia é conhecida como mídia alternativa, tópico que será abordado mais detalhadamente no item seguinte.

2.2 Epistemologias do sul e Comunicação

A construção de um campo comunicacional que abarque as tecnologias e introduza um diálogo interdisciplinar crítico entre os envolvidos no processo é um desafio epistemológico necessário, principalmente se levarmos em conta o cenário em crise que vivemos na atualidade, em que o pensamento crítico e a dificuldade de se pensar o outro está cada vez mais constante. Surge, a partir disso, a necessidade de adotar meios que definam outra geopolítica do pensamento, a partir de novos processos e lutas que dão

novos *locus* a experiências de intervenções sociais que contribuam para a construção de um novo pensamento comunicacional (CABALLERO, 2014).

As bases do pensamento comunicacional contemporâneo são questionadas pelo alcance das transformações em curso e pela complexidade constitutiva das crises civilizatórias que vivemos na atualidade. Estudos acadêmicos da área apontam para a necessidade de novas lógicas conceituais e novos meios de investigações que representem ou resultem em mudanças na sociedade ligadas as relações históricas, estabelecidas na modernidade como cultura, economia e democracia. Tudo o que se fora vivido, principalmente o que acompanhou sobretudo as mudanças históricas, sem dúvida, fazem parte de oportunidades de desenvolvimento para a construção de uma comunicação possível, considerando a abertura de espaços e processos que repensem e dão ouvidos as culturas, minorias e aos atores sociais excluídos historicamente, submetidos à condição de periferia e à margem da subalternidade (CABALLERO, 2014).

Epistemologia nada mais é do que a teoria da ciência, neste caso de uma ciência específica - utilizaremos aqui a comunicação como exemplo, que estuda metodologias, correntes, procedimentos, resultados e avalia isso de forma crítica. Discorrendo sobre a comunicação a partir das epistemologias do sul, trazemos então uma relação crítica ao conhecimento do sul, em que o conceito está ligado ao processo de descolonização sofrido nesta região. Utilizamos também o sul aqui não apenas geograficamente, mas metaforicamente, tal qual aponta Boaventura, já citado no tópico anterior, onde o sofrimento humano, causado pelo capitalismo, colonialismo e patriarcado, de alguma forma deu vida a um contraponto epistêmico para se problematizar, se teorizar formas de resistência, de superação dessas diferentes estruturas de dominação, que acabam por criar um cenário que caracteriza as zonas dos seres/zonas do não ser. Passamos então a pensar a realidade a partir desse ponto de vista epistêmico, contra hegemônico.

Percebemos assim a necessidade de se vivenciar um processo de desconstrução de um pensamento hegemônico para visibilizar saberes plurais, que muitas vezes são ancestrais. Pensar na mudança de paradigmas e perspectivas que contribuam com a divulgação do pensamento através do sul (antes o sul era apenas considerado como base empírica). Não se pode deixar de mencionar que a própria ciência também contribuiu com a hegemonia do saber, pois em alguns momentos históricos, emergiam conhecimentos científicos que buscavam justificativas válidas para reconhecer violências sofridas pelas minorias.

Ao contextualizar as epistemologias do sul com a comunicação, temos a possibilidade de uma comunicação livre, sendo desenvolvida sem nenhum obstáculo, em posições iguais, onde os indivíduos que fazem parte dessa dinâmica estão munidos apenas, de forma igualitária, de ferramentas que os comunique. Contudo, faz-se necessário considerar também os fatores que interferem nessa comunicação igual entre os polos, levantar de que forma esses fatores que causam interferências trazem a influência do poder instituído, seja ele político, social ou carregado de preconceitos. Esses saberes ajudam a pôr em questão quais os fatores que, ao trazer o poder para as relações de comunicação, fazem com que haja uma profunda desigualdade e assimetria nas relações comunicativas. Essas relações de poder, muitas vezes, permanecem ocultas, desconhecidas. A isso, é necessário termos uma contribuição levando luz a esse processo, mostrando as distorções que os poderes dão as relações comunicacionais.

Temos as redes digitais como uma ferramenta que recoloca o problema do poder levantado anteriormente. Esta, por sua vez, apesar de dispor de mecanismos que possibilita uma comunicação capaz de ser desenvolvida com mais liberdade, ainda assim consegue revitalizar o poder, pois as relações de acesso não são iguais. Outrossim, o reconhecimento das epistemologias do sul na comunicação é a possibilidade de redução de desigualdade no acesso às informações, é também a luta por justiça e bem estar social, é questionar as relações de poder, e é, sobretudo, a possibilidade de se ter narrativas que não são contadas como única verdade e/ou que ocultam a diversidade que há por trás da realidade, defendida aqui como uma realidade plural e complexa. E nesta discussão, reafirmamos o papel da comunicação, mais precisamente do jornalismo alternativo, por se tratar de uma dinâmica comunicacional que pode ser pensada através das epistemologias do sul, uma vez que se realiza por meio de um processo de construção e disseminação do conhecimento, levando-os principalmente as minorias e aos marginalizados.

2.3 Comunicação e jornalismo alternativo: conceitos

A comunicação alternativa, quando vista a partir do jornalismo, pode ser entendida, de maneira bem ampla, como o exercício de um jornalismo contestador ao sistema vigente. O termo alternativo é uma manifestação contra hegemônica, uma forma de resistência (KUCINSKI, 2003). Apesar deste ter a possibilidade de ser abordado de

diferentes formas, de acordo com o objeto de estudo proposto, – impressos, internet, movimentos sociais, dentre outros – mesmo que cada objeto tenha suas particularidades, este pode ser resumido como: contestação. Essa dinâmica contestatória se acentua na década de 1960, como já dito, nos tempos de chumbo da ditadura militar, período este considerado o *boom* do jornalismo alternativo.

É preciso destacar que o jornalismo alternativo praticado no período de oposição à ditadura militar iniciada em 1964 se constitui como referência conceitual e em modelo de ação, que, de certa forma, molda as experiências posteriores. A resistência política, a insatisfação com o modelo da mídia hegemônica e a falta de espaço nessa mesma mídia para temas de interesse social, de certa forma, são elementos constitutivos da produção alternativa contemporânea (MOLIANI; PACHI; SOUZA, 2019, p. 18)

Neste período também houve maior facilidade de impressão e distribuição de jornais. Tal facilitação fez com que novas iniciativas independentes, desvinculadas das grandes imprensas jornalísticas aparecessem. Com propostas diferentes dos conglomerados jornalísticos, surgiram diversas publicações, dentre elas jornais, revistas, tabloides, panfletos e etc., que se diferenciavam não apenas no formato e linguagem, mas também na escolha ou angulação exibidas nas narrativas. Surgiu então uma imprensa que fazia oposição ao regime militar, frequentemente vinculada a grupos ou organizações políticas em torno de ideários de esquerda e, em alguns casos, veículos ligados a contracultura (sem necessariamente uma ligação política), doutrinas, movimentos artísticos e intelectuais diversos. Eram jornais que não objetivavam finalidade lucrativa e tinham uma pequena tiragem - com exceções como o humorístico *O Pasquim* que alcançou grandes tiragens (KUCINSKI, 2003).

Os precursores do jornalismo alternativo, desde seu surgimento, protagonizaram fases distintas, que iam de motivações e o caráter da articulação entre eles com a sociedade civil. Na primeira década de existência dos alternativos viu-se veículos conhecidos historicamente como o *Pif-Paf*, *O Sol*, *O Pasquim* e *Grilo*. Os colaboradores desses jornais eram intelectuais que viveram momentos históricos como a queda do nazifascismo e do Estado Novo, já os jornalistas e ativistas políticos eram os mais jovens, pertencentes aos movimentos estudantis do final da década de 1960 que se juntaram aos recém-formados das escolas de comunicação do final da década de 1970.

Entre 1964 e 1980 nasceram e morreram mais de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime (KUCINSKI, 2001). É uma perspectiva que possui parâmetros de produção que visa promover reflexões frente a situações opressoras e, por isso, está alinhado aos interesses da sociedade, pois expõe diversos pontos de vistas políticos e sociais que servem como ponte estratégica para que debates sejam ampliados.

Com o término do regime militar, tanto o Brasil quanto a imprensa sofreram mudanças expressivas, que afetaram diretamente não só o mercado editorial deste segmento, bem como a forma como a referida dinâmica comunicacional era desenvolvida. Fiorucci (2011) apresenta uma atual caracterização da nova geração dos alternativos. No quadro 1 são apontadas as características dos dois momentos:

Quadro 1. Características:

Imprensa alternativa (1964-1980)	Nova imprensa alternativa (1988-atual)
<ul style="list-style-type: none"> - Menor dependência do mercado. - Atuava sem ter como objetivo o lucro e nem o desenvolvimento empresarial. - Trabalhava sem contar com publicidade privada nem estatal – com raras exceções como o <i>Pasquim</i> e <i>Bondinho</i>, por determinado período. - Tinha um inimigo comum: a ditadura. - Criticava o governo, o capitalismo imperialista, a intervenção dos EUA na América Latina, e a grande imprensa (censurada). - Os jornalistas arriscavam a própria vida por uma causa. - Os periódicos eram censurados e perseguidos. As bancas que os vendiam sofreram atentados a bombas. - Muitos jornais eram de partidos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Maior dependência do mercado. - Atua visando o lucro (mesmo que este não seja seu foco principal) e precisa do desenvolvimento empresarial para se manter. - Depende principalmente da publicidade estatal, já que empresas anunciam pouco, haja vista o conteúdo dos periódicos. - Não tem um inimigo específico. - Critica a direita no geral, o neoliberalismo, a globalização, as injustiças sociais e a grande imprensa (livre). - Os jornalistas trabalham livremente. - Os periódicos não sofrem pressão, nem censura. Atuam num cenário democrático e com liberdade de expressão. - Não-Partidarizada.

Fonte: Rodolfo Fiorucci (2011) - A nova geração do jornalismo crítico: Mídia alternativa

De acordo com os apontamentos expostos por Fiorucci (2011) acerca da atual caracterização da nova geração dos alternativos, consideram-se relevantes algumas diferenças, como por exemplo, a maior dependência do mercado na atualidade. Entre 1964 e 1980, a imprensa alternativa tinha menos dependência e a circulação desses veículos permaneciam por mais tempo, a exemplo disso temos o *Jornal Pessoal*, do estado do Pará, criado pelo jornalista Lúcio Flávio Pinto, em 1987. Este foi o veículo da comunicação alternativa mais longo da história, tendo sua última versão impressa em papel no ano de 2018. O *Jornal Pessoal*, após recusar-se a aceitar publicidade, saiu de circulação pois não tinha mais como se manter. Não aceitar publicidade era justamente a opção que, para seu criador, garantia a ele sua plena independência e autonomia (PINTO, 2018).

Diferentemente da época de seu surgimento, atualmente a nova geração dos alternativos atua visando o lucro, ainda que este não seja seu principal foco, e dependem principalmente da publicidade estatal, já que empresas anunciam pouco - tendo em vista o conteúdo dos periódicos. Naquela época os veículos alternativos tinham um inimigo comum: a ditadura, porém nos dias atuais esses jornais não têm um inimigo específico, mas continuam atuando fazendo contraponto ao sistema vigente, sendo contra hegemônico principalmente ao capitalismo e a globalização.

Uma diferença que também é importante a se destacar é que antigamente os jornalistas da imprensa alternativa atuavam arriscando suas próprias vidas e hoje eles têm liberdade para atuar, o que não significa que não sejam pressionados ou criticados, o que pode ser lido como uma nova forma de censura ou tentativa de coibir sua atuação. Naquela época, os periódicos eram censurados e perseguidos, as bancas que os vendiam sofreram atentados a bombas, diferentemente do cenário atual de produção e comercialização desses produtos. Antes a maioria dos jornais eram de partidos, no entanto, hoje se encontram mais veículos da comunicação alternativa não-partidarizados.

Estudiosos contemporâneos da comunicação alternativa afirmam que a referida perspectiva pode ser definida de acordo com sua ideologia, já que esta, por consequências de suas origens históricas, está alinhada a ideários de esquerda. No entanto, definir alternativo somente pelo viés ideológico pode ser enganador, principalmente quando buscamos o histórico político do Brasil em que, no período de 2011-2016 os presidentes do país faziam parte do Partido dos Trabalhadores, partido esse alinhado à esquerda (SILVA et al, 2013). Vale lembrar que, nessa época existiram incentivos a *sites* e *blogs*

para que fizessem contraponto a imprensa e ao poder vigente, o que coincide com o papel da mídia alternativa.

Gomes (2014) entende que os novos veículos da mídia alternativa produzem “discursos e imaginários outros, às margens e quase sempre também contrariamente aos poderosos interesses políticos e ideológicos da indústria cultural” (p.11). Já Dênis de Moraes (2009) diz que a comunicação alternativa é manifestação contra hegemônica, numa direção anticapitalista e antineoliberal. Com o surgimento da internet e das mídias sociais, a prática da comunicação alternativa na contemporaneidade ficou mais acessível e com um maior alcance. O professor Dênis defende a emergência de uma comunicação alternativa em rede, de viés anticapitalista, que lute pelos direitos da cidadania e a liberdade de expressão. Com isso, passamos a ter uma possibilidade de avaliar os discursos da mídia convencional e romper os crivos de suas dinâmicas editoriais. Significa dizer também que podemos concentrar nossos olhares em práticas comunicacionais que se posicionem na contramão de uma época de midiatização das relações sociais, ao mesmo tempo em que interpelam a síndrome consumista que exalta o exibicionismo, do excesso e do desperdício (BAUMAN, 2006, p. 113).

Este é um ponto importante a se tocar na referida discussão: a “prática jornalística” desenvolvida neste ramo. Com o fácil acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, qualquer cidadão que presencie um acidente, um incêndio ou um protesto de rua, que tenha um telefone móvel na mão, que faça registros do fato e veicule na internet pode ser considerado praticante do jornalismo alternativo? Essa interrogação fora levantada após ser uma prática muito frequente em veículos como o *Mídia Ninja* (JORGE FILHO, 2018).

Outro ponto a ser considerado está relacionado às novas narrativas comunicacionais postas em rede. “A Internet realmente abriu espaços a vozes que agora encontram possibilidades de difusão incríveis. E isso é uma boa notícia que a realidade deu contra todos os prognósticos, pois a Internet nasceu como uma operação militar do Pentágono para planificar as suas operações. Foi uma coisa nascida da morte, do extermínio do outro, pois a guerra é isso. E depois virou um espaço que contém um pouco de tudo, que não é uma coisa só, mas que inclui muitas expressões, da afirmação da boa energia da vida, da energia multiplicadora do melhor da vida, a liberdade, a vontade de justiça”².

² Entrevista de Eduardo Galeano a Marcelo Salles, Fazendo Media, 28 de dezembro de 2005, disponível em: <http://www.fazendomedia.com/novas/entrevista281205.htm>

As redes sociais da internet estão tomando conta de espaços significativos na disseminação de informações. Como consequência, vivemos atualmente uma onda de *Fake News*, em que o indivíduo visa curtidas, compartilhamentos e principalmente o lucro (JORGE FILHO, 2018). Vale lembrar que a internet também tem servido como cenário de arena de lutas e conflitos pela hegemonia, em que as batalhas pela conquista do consenso social e da liderança cultural-ideológica de uma classe ou de um bloco de classes sobre as outras também se fazem presentes. Reiteramos novamente o papel do jornalismo alternativo, por ser um viés que, historicamente, não tem como objetivo principal a obtenção de lucro, característica marcante dessa perspectiva jornalística e, como vimos apontado por Santos, é um dos componentes das epistemologias do norte.

A partir de linhas teóricas abordadas recentemente na produção acadêmica brasileira, percebemos que há numa cartografia de usos conceituais do alternativo (MOLIANI; PACHI; SOUZA, 2016) que diferenciam imprensa e/ou jornalismo alternativo – considerados sinônimos – de comunicação alternativa. Os autores perceberam que “a comunicação alternativa em geral é tratada como campo que não inclui necessariamente o jornalismo alternativo” (MOLIANI; PACHI; SOUZA, 2016, p.13), pois são considerados objetos com dinâmicas distintas.

O jornalismo alternativo na contemporaneidade tem como objetivo fazer referência à continuidade do que foi o jornalismo alternativo “histórico”, que fazia oposição ao regime militar (MOLIANI; PACHI; SOUZA, 2016, p.13). No entanto, desenvolvido no ambiente digital. Partimos do pressuposto de que a resistência política e a abordagem de temas não veiculados na mídia tradicional são o eixo de análise teórica da imprensa alternativa. Já a comunicação alternativa tem seus estudos relacionados à exclusão social, preocupados com o processo comunicacional que integra o trabalho dos grupos e comunidades em defesa de seus interesses (MOLIANI; PACHI; SOUZA, 2016).

Para Peruzzo (2009), com a manifestação da comunicação alternativa no período militar, com diferentes dinâmicas comunicacionais contra hegemônicas, o termo “alternativo” não possui um único significado. A autora diz que o termo “alterativo” pode referir-se a jornais ou a outros canais comunicativos de cunho independente, advindos ou não de movimentos sociais. Peruzzo (2009) defende que a denominada “imprensa alternativa” desaparece - a autora usa o termo apenas para referir-se àquela contra o regime militar – porém sua dinâmica contestatória e resistente recria-se no jornalismo alternativo, do início do século XXI, quando faz uso de novas ferramentas possibilitadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação. “Reedita formas de expressão

impresas e audiovisuais, cria novos canais e, ao mesmo tempo, se recria por meio de novos formatos digitais que o avanço tecnológico favorece” (PERUZZO, 2009, p. 137).

Contextualizando os conceitos, Moraes (2010) afirma que a comunicação alternativa tem sua atuação como uma ferramenta para a comunicação voltada para o campo popular, levando em consideração a militância social e com tendência a democratizar a palavra e a informação. O autor apresenta um conceito de comunicação alternativa que o leva para além dos meios no jornalismo alternativo, dizendo que além dos “veículos independentes do governo, do Estado e das corporações”, o trabalho desenvolvido deve ser “dialógico e democratizador” e capaz de “difundir, co-produzir, organizar, articular, capacitar e reconstruir a memória, a identidade e a unidade na ação” (MORAES, 2007, p. 4). Entretanto, fazendo novamente referência a Cecilia Peruzzo (2008), que amplia o conceito de jornalismo alternativo e o diferencia do que se entende sobre comunicação alternativa, a autora afirma que o que caracteriza o jornalismo como alternativo é o fato deste ser um representante de uma opção enquanto fonte de informação, tanto pelo conteúdo difundido quanto pela abordagem feita. A autora também faz uma ressalva a outras formas de comunicação alternativa, como carro de som e literatura de cordel. Acerca das referidas formas, esta diz que “eram chamados alternativos pela força do sentido do seu conteúdo, porém, sem dispensar a leitura de jornais convencionais. Em suma, há uma comunicação alternativa no âmbito dos movimentos populares que extrapola jornais e o jornalismo” (PERUZZO, 2008).

Percebe-se que a prática jornalística desenvolvida pela imprensa alternativa enfrentou inúmeras mudanças e adaptações com o passar dos anos. Todavia, sua essência permaneceu, pois, os meios alternativos da contemporaneidade, por exemplo, continuam incentivando a veiculação de textos críticos e analíticos, socialmente comprometidos; dando ouvidos aos movimentos populares, aos marginalizados e aos problemas sociais. Continuam fazendo oposição ao sistema vigente e ao capitalismo, sempre com duras críticas a globalização econômica e ao neoliberalismo - sistemas que ainda não vigoravam nos anos de 1960 e 1970.

Deste modo, como vimos anteriormente, o jornalismo alternativo também pode ser definido como uma narrativa jornalística que propõe diferentes acepções, trazendo diversos enquadramentos, se diferenciando na escolha das fontes e oferecendo ao receptor informações que lhe permitam realizar interpretações fundamentadas em informações que buscam a transformação social. A história das comunicações e das artes mostra que sempre houve certas distribuições do sensível (RANCIÈRE, 2009),

permitindo o que se diga ou de que maneira seja dito, o que se configura como alternativas de entendimentos e interpretações.

Em meio a isso, entendemos o jornalismo alternativo através da presente perspectiva e concordamos que este contribui para a comunicação alternativa. Nos identificamos e selecionamos, para esta pesquisa, a definição de comunicação alternativa baseada nos estudos do professor Rozinaldo Miani (2002) e a definição de jornalismo alternativo com base nos pensamentos do autor Dennis de Oliveira (2009) que, referenciando Atton (2005) diz se pensar uma conceituação de jornalismo alternativo a partir de algumas categorias-chave, a saber:

a) Quanto a produto:

- 1- Conteúdo (politicamente radical, social/culturalmente radical), novos valores;
- 2- Forma: gráfica, visual, variedades de apresentação e conexão, estética;
- 3- Inovações/adaptações reprográficas – uso dos mimeógrafos, IBM *typesetting*, fotocopiadoras

b) Quanto ao processo:

- 4- Distribuição: redes clandestinas/invisíveis em locais alternativos de distribuição, sites de distribuição, *copyleft*;
- 5- Transformação das relações sociais, papéis e responsabilidades – receptor/produtor, organização coletiva, desprofissionalização, por exemplo, do jornalismo, da impressão, da edição;
- 6- Transformação dos processos de comunicação – conexões horizontais, redes.

Além das categorias postas, é importante trazer para esta discussão a práxis jornalística alternativa que tem como perspectiva a reconstrução da esfera pública por meio de valores como a igualdade de oportunidades, equidade, democracia radical e a subordinação dos interesses econômico-privados aos interesses coletivos (OLIVEIRA, 2009). Não é somente o fato de defender os valores da democracia institucional, mas de exercer uma atitude democrática, que começa quando se abre espaços midiáticos a todos os segmentos sociais e, principalmente, as minorias, rompendo com o cerco da agenda de fontes oficiais; pela plena referência na produção das informações no sujeito-cidadão e não no sujeito-consumidor (OLIVEIRA, 2009).

Destaca-se também, no jornalista alternativo, o fato de suas ações não poderem ser mediadas pela lógica mercantil, e sim por um sentimento de utopia mencionado por Bauman:

“Para que a utopia nasça é preciso duas condições. A primeira é a forte sensação (ainda que difusa e inarticulada) de que o mundo não está funcionando adequadamente e deve ter seus fundamentos revistos para que se reajuste. A segunda condição é a existência de uma confiança no potencial humano à altura da tarefa de reformar o mundo, a crença de que ‘nós, seres humanos, podemos fazê-lo’”. (Entrevista concedida a revista *Cult*, de agosto/2009, p. 15)

Como pôde-se perceber, entendemos, a partir dos autores anteriormente citados, que a mídia alternativa implica em um processo democrático e coletivo de produção. O fazer jornalístico deste viés vai além dos fundamentos estéticos, metodológicos e técnicos da atividade, trata-se também de uma forma de resistência, de ativismo que, muitas vezes, são dados por incômodos, pela procura de algo novo, alternativo. Este é o ponto de vista que a presente pesquisa surgiu, como mais uma possibilidade de analisar a forma que vêm sendo distribuídas e produzidas as informações em mídias alternativas contemporâneas, por meio do *Portal Sátira* e do *Jornal Dois*. Para isso, articulamos teorias de estudos com a pretensão de melhor embasar as análises e que se encaixem na visão proposta por Boaventura de Souza Santos na sua apresentação do que pode ser entendido como as epistemologias do sul.

3. CONCEITOS: ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDO DAS MEDIAÇÕES

3.1. Estudos Culturais

Os estudos críticos de comunicação e cultura de massa foram inaugurados pela Escola de Frankfurt, que também desenvolveu um primeiro modelo de estudos da cultura na sociedade capitalista (KELLNER, 2001). Os modelos de estudos culturais vão desde os neomarxistas potencializados por Lukács, Gramsci, Bloch e a Escola de Frankfurt, nos anos de 1930, até os feministas e psicanalistas. Richard Hoggart, inspirado em sua pesquisa, *As utilizações da Cultura* (1957), funda o campo dos Estudos Culturais, através do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), em 1964. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, compunham o eixo principal de observação do centro (ESCOSTEGUY, 2001).

Os textos: *The Uses of Literacy* (1957), de Richard Hoggart; *Culture and Society* (1958), de Raymond Williams e *The Making of the English Working-class* (1963), de E. P. Thompson, que surgiram no final dos anos de 1950, são considerados como as fontes dos Estudos Culturais. O texto de Hoggart se dividia em autobiográfico e história cultural do meio do século XX. Já o de Williams possui uma construção histórica acerca do conceito de cultura, resultando na ideia de que a “cultura comum ou ordinária” podem ser vistas como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das Artes, Literatura e Música. E, por fim, o texto de Thompson conta a história “dos de baixo”, reconstruída a partir de parte da história da sociedade inglesa (ESCOSTEGUY, 2001).

Em relação aos textos citados acima, Stuart Hall (1996b, p. 32) diz que

Eles não foram, de forma alguma, ‘livros didáticos’ para a fundação de uma nova subdisciplina acadêmica: nada poderia estar mais distante de seu impulso intrínseco. Quer fossem históricos ou contemporâneos em seu foco, tais textos eram, eles próprios, focalizados pelas pressões imediatas do tempo e da sociedade na qual foram escritos, organizados através delas, além de serem elementos constituintes de respostas a essas pressões.

Hall também tem sua participação na configuração dos estudos culturais reconhecida, uma vez que desenvolveu tarefas importantes ao substituir Hoggart na

direção do centro. Dentre as atividades desempenhadas estão a de incentivo ao desenvolvimento da investigação de práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade; desempenho de função de "aglutinador" em momentos de intensas distensões teóricas e, sobretudo, o destrave de debates teórico-políticos, tornando-se um "catalizador" de inúmeros projetos coletivos (ESCOSTEGUY, 2001).

Os fundadores dos estudos culturais, apesar de terem desacordos entre si, têm em comum um leque de preocupações que abrangem as relações entre cultura, história e sociedade. Destacamos os pontos de vistas compartilhados entre eles, pois acreditamos que o que os une é justamente essa singularidade sobre a concepção particular de cultura e seu enfoque sobre a dimensão cultural contemporânea.

Para Agger (1992, p. 89)

O grupo do CCCS amplia o conceito de cultura para que sejam incluídos dois temas adicionais. Primeiro: a cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Segundo: a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas — expressas mais notavelmente através do discurso e da representação — que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado. Por acentuar a natureza diferenciada da cultura, a perspectiva dos estudos culturais britânicos pode relacionar a produção, distribuição e recepção culturais a práticas econômicas que estão, por sua vez, intimamente relacionadas à constituição do sentido cultural.

Dentre os diversos pesquisadores que colaboraram com o referido campo de estudo destaca-se Raymond Williams (1958) que, além de ter participação significativa, foi com suas obras que passamos a ver discussões mais densas acerca da cultura. Em *The Long Revolution* (1961) o autor apresenta dois conceitos do termo, com duas ênfases diferentes, desde a mais primitiva e idealista a uma deliberadamente antropológica, na qual enfatiza o aspecto de Cultura que se refere às práticas sociais. Para Williams e Thompson, cultura era uma rede vivida de relações e práticas que constituíam a vida cotidiana dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano.

No entanto, Thompson (1963) resiste ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global, defendida por Williams. Este, por sua vez, sustenta que a cultura pode ser entendida enquanto um enfrentamento entre modos de vida diferentes. Já Hoggart (1957) apresenta pesquisa qualitativa defendendo um olhar de que na cultura

popular não há apenas submissão, mas também resistência. O autor exhibe a vida cultural da classe trabalhadora, mostrando em um tom nostálgico, a relação da cultura orgânica da referida classe (ESCOSTEGUY, 2001).

Nos propomos, apoiados em Stuart Hall (2003), desenvolver investigação de práticas de resistências sociais/culturais/comunicacionais, olhando os objetos da comunicação como cultura. Assim o fizemos, devido ao pensamento de Hall também alinhar-se as convicções democráticas e em observações da cena cultural contemporânea, sempre relacionando cultura com estruturas sociais de poder. Nos estudos culturais, e especificamente na obra de Hall encontramos muitos elementos que dialogam com as epistemologias do sul de Boaventura de Sousa Santos. Citamos as que consideramos mais relevantes. Os estudos culturais entendem que as pessoas são produtoras e consumidoras de cultura o que nos coloca, no processo de sociabilidade, numa situação de embate ou de negociação entre o que se recebe e o que se assimila como verdadeiro.

Na prática, o que Hall apresenta é que, a audiência não é uma receptora submissa e controlada pelos produtos comunicacionais. Ao contrário, para Hall é importante que se entenda o significado dentro do contexto cultural do receptor o que ajudaria a entender a pluralidade de interpretações que provoca uma notícia, por exemplo. Essa ideia de entender o caráter ativo e interpretativo no confronto com a mídia se aproxima das epistemologias do sul, notadamente, quando pensamos na linha abissal que impedia de ver grupos marginalizados como portadores de saberes. Para Hall todos reagem e (re)interpretam de forma diferente as mensagens recebidas, portanto, aceita a pluralidade de saberes.

Hall questiona e problematiza a questão das identidades, notadamente a identidade nacional, por ser um dos componentes relevantes na hora de se definir a alteridade. Foram os estados nacionais que criaram elementos definidores de uma identidade utilizando a simbologia que acabaria determinando, entre a população, as identidades que formaram os estados nacionais. Obviamente, nessa trajetória se incluíram valores que determinaram a ideia de superioridade de uma determinada nação sobre as outras, ou que é denominado por Hall como a não aceitação da alteridade ou, se aceita, considerada inferior. Entendemos que essa ideia acabou determinando a justificativa para implementar o colonialismo tão criticado por Boaventura de Sousa Santos. Hall (2003) entende que, na contemporaneidade, mesmo que as identidades nacionais, em alguns casos, por influência da globalização, tenham se desestruturado, dando margem para outros processos identificatórios, ainda persistem os mitos de sustentação dos estados nacionais, via

nacionalismo, ponto esse a ser questionado quando Boaventura sinaliza com as sociologias das emergências e a possibilidade de existir uma pluralidade de saberes. Ideia bem semelhante a proposta por Hall que desarticula a natureza da identidade ao chamar a atenção para a diferença, para a alteridade e, nesse sentido, para a própria possibilidade de significação que as identidades comportam. Nas palavras de Hall

A unidade, a homogeneidade interna que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado (HALL, 2003, p. 110).

Se pensarmos no momento atual de hegemonia do modelo neoliberal a tendência, de acordo com Hall (2003), é de se homogeneizar valores para criar um mercado consumidor unificado onde as diferenças culturais se reduzem porque o que interessa é criar um comércio que não enfrente barreiras nem obstáculos na sua implementação. Para ele essa ânsia de ampliar e submeter o mundo aos interesses econômicos gerou uma valorização do local, produzindo novas identidades globais e também novas identidades locais. Aponta, portanto, para uma valorização do local enquanto resistência ao global, algo que Boaventura apresentava como possível saída ao predomínio das epistemologias do norte e de sua visão de mundo.

Partimos do pressuposto do que a pesquisadora Maria Elisa Cevalco (2001) nos apresenta dizendo que “a análise da cultura é a tentativa de descobrir a natureza dessa organização que é o complexo dessas relações” (p.51). Em Hall (2003) vimos que “o propósito da análise é entender como as inter-relações de todas as práticas e padrões são vividas e experimentadas como um todo, em um dado período: essa é a sua “estrutura de experiência” (p.136)

A articulação realizada com os estudos culturais fora proposta por ser uma área em que inúmeras disciplinas se interseccionam e que visa principalmente o estudo de aspectos culturais de determinada sociedade. Tivemos a pretensão de utilizar um canal alternativo por desenvolver uma comunicação que dá voz as minorias, o que torna objeto significativo de estudo devido os estudos culturais, além de, obterem uma vasta multiplicidade de objetos de investigação, compactua com inúmeras linhas de pensamentos da imprensa alternativa.

Também pretendemos trazer os estudos culturais, em sua forma alternativa, como proposta de resposta à hegemonia da indústria cultural, bem como outros fatores que envolvam o processo de comunicação da grande imprensa como os modelos de produção, distribuição e financiamento praticados por esses veículos que se acomodam no sustento de grandes organizações e fazem com que o público aceite e naturalize a fórmula utilizada, tentativa essa para que estes tornem-se resistentes ao risco de novas experimentações comunicacionais.

Os estudos culturais nos auxiliaram a ver a comunicação como cultura, nesse caso, *cultura* no jornalismo alternativo, manifestada nos elementos que expressam a forma de ser de determinado povo (SIQUEIRA E SIQUEIRA, 2007), bem como o consumo dessa dinâmica comunicacional. Santaella (2003) fala que esse não é somente um processo de consumo, trata-se também de um processo cultural, pois vem evoluindo junto com as tecnologias, a qual a autora denomina de “eras culturais”, onde está presente a cultura oral, cultura escrita, cultura impressa, cultura de massa e a atual cultura digital. A autora explica que, com o avanço tecnológico, o público passou a ter mais facilidade na escolha de informações que deseja consumir e, portanto, passa a demandar conteúdo mais heterogêneo. Vivian Vigar (2013) diz que “esse novo padrão de consumo se difere da cultura de massa que é, essencialmente, homogênea, fruto da produção em escala industrial, elaborada por poucos e consumida por muitos” (p. 8).

Diante disso a mídia “não deve ser entendida somente pelas práticas [...], mas também como uma mídia que questiona a sociedade dominante” (FUCHS, 2010, p. 174). Fuchs menciona a chamada “mídia crítica” e a define como provedora de conteúdo:

[...] que mostra as possibilidades reprimidas de existência, descreve os antagonismos da realidade e potencialidades para a mudança, questiona a dominação, expressa os pontos de vista de grupos e indivíduos oprimidos e dominados, e defende o avanço para uma sociedade cooperativa. A forma do produto da mídia crítica visa promover a imaginação, ela é dialética, pois envolve a dinâmica, não identidade, a ruptura e o inesperado. (FUCHS, 2010, p. 189)

Os estudos culturais, portanto, constituem, de acordo com Williams (2011), o ramo da sociologia geral em que a sociologia cultural preocupa-se com os processos sociais de toda a produção cultural, inclusive aquelas formas de produção que podem ser designadas como ideologias. Lendo Williams, sob olhar de Cevalco (2001), entendemos que “os estudos culturais não interessam apenas porque expandem o campo e os métodos

da literatura, sociologia ou antropologia. Interessam porque exprimem uma posição relevante para se entender a cultura” (p. 55). Cultura, posta aqui em sua forma popular. Por isso, buscamos contextualizar os preceitos dos estudos culturais e do jornalismo alternativo na tentativa de enriquecer o presente referencial teórico.

3.2. Estudos das Mediações

Pensando a comunicação com sua legitimidade intelectual, ou seja, entendendo-a como lugar estratégico em que se pensa a sociedade e onde o comunicador assume o papel intelectual, é o nosso ponto de partida nas discussões acerca dos estudos das mediações. O paradigma da mediação e da análise cultural aponta para o peso social nos estudos e investigações do referido campo, reiterando a exigência de repensar a relação comunicação-sociedade e redefinindo a importância e responsabilidade do papel dos comunicadores nessa dinâmica.

O conceito de *mediação* usado com mais frequência está vinculado à ideia do intermediário. É o significado mais utilizado no contexto da epistemologia behaviorista, referindo-se a “elos intermediários” recorrentes ao estímulo inicial e respostas, o que resulta “ao mesmo tempo, as respostas aos estímulos que os precedem e, por sua vez, estímulos para os elos que seguem” (DUBOIS, 1997, p. 405). Lalande nos apresenta uma conceituação voltada a ideia de movimento ou um tanto mais processual dizendo que é algo “...entre um termo ou um ser do qual se parte e um termo ou um ser ao qual se chega, sendo esta ação produtora do segundo, ou pelo menos condição de sua produção” (1993, p. 656).

Dentre os conceitos de mediação utilizados em inúmeros textos científicos, dos mais diversos autores, iremos nos valer do de Jesús Martín-Barbero, especialmente o citado em sua obra “Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia”, que se atém em fazer uma passagem que, inicialmente, se preocupava em realizar análise do discurso dos meios, passada a fazer investigação das culturas populares, onde os modos de comunicação desses setores não só apresentassem a relação do que se passa nos meios, mas também com o que se passa nas ruas, nos bairros, na periferia, estabelecendo assim uma nova relação entre culturas populares e cultura massiva.

Barbero nos proporciona uma infinidade de possibilidades de conceituação, em que se utiliza desde categorias vinculantes de dicotomia à antinômicas. Em uma delas o autor diz que mediação também é uma prática cultural que absorve diferentes

discursividades e/ou estruturas, formas ou práticas que vinculam diferentes racionalidades, ou que sustentam diferentes lógicas ou diferentes temporalidades, num mesmo processo (MARTÍN-BARBERO, 1997).

O autor diz ainda que, nessa perspectiva

O eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.55).

Achamos interessante trazer também a teorização de Orozco Gómez (1994) que trabalha com diversas categorias de mediação. O autor a define, *a priori*, como sendo os “processos de estruturação derivados de ações concretas ou intervenções no processo de recepção televisiva”, e, posteriormente, distingue mediações e fontes de mediação, sendo estes os lugares onde se originam esses processos estruturantes. No que se refere ao termo *mediador* e ao verbo *mediar*, Martín-Barbero diz que são agentes que selecionam os conteúdos e as mais diversas formas de procedência, que constroem o nexos em instituições a partir de determinados lugares sociais – como um bairro, por exemplo.

Martín-Barbero nos mostra a necessidade de pensar a comunicação como uma problemática fundamental para se compreender a interação do indivíduo na sociedade. Fazendo contraponto ao que os primeiros investigadores dos estudos da recepção afirmavam, o autor defende ser fundamental levar em consideração os aspectos socioculturais e as características do receptor, não apontando os meios de comunicação como centro principal do processo, que busca saber apenas quais as maneiras escolhidas para manipular a audiência (CANCLINI, 2003). O pesquisador latino-americano julga inaceitável os meios de comunicação ignorarem os conflitos, as contradições, as formas de dominação e de transformação do meio social (DANTAS, 2008).

O estudo barberiano defende que o ser humano não é configurado um receptor passivo, alheio a sua própria realidade e, por conseguinte, a mídia não delimita relação unilateral entre um emissor dominante e receptor dominado. O modelo comunicacional afirma que entre os dois polos há diversas trocas de intenções. Ou seja, as interpretações feitas das mensagens recebidas têm influências dos repertórios dos conteúdos culturais e da vivência individual do receptor. Retomando Ana Carolina Escosteguy, concordamos que:

A teoria em foco faz com que a comunicação assuma um sentido de práticas sociais que podem abarcar o sentido de produção cultural. Na ordem geral de tal proposta, pode-se dizer que não é possível compreender o que ocorre no campo da comunicação apoiando-se apenas no que produzem os especialistas da área (ESCOSTEGUY, 2001, p.187).

Considerada como um processo de interação, a recepção midiática, estabelecida pelo modelo comunicacional barberiano, pondera que, entre o emissor e o receptor, há um espaço de natureza representativa ou simbólica que é ocupado pela mensagem, a qual pode obter uma multiplicidade de variáveis. A mensagem, portanto, passa por uma complexidade de fatores que fazem com que a intenção inicial, emitida pelo emissor, possa não vir ser a mesma captada e recebida pelo receptor.

O autor explica que a forma que o receptor absorve a mensagem provém do encontro de emissor e receptor, por meio de experiências e da complexidade de conteúdos compartilhados por eles:

A verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que trazem consigo seu manual de uso – transmite ao receptor (MARTIN-BARBERO, 2002, p. 55).

Mediar, significa também, fixar um ponto de referência comum entre duas partes, onde uma ou outra faculte algum tipo de inter-relação, uma vez que as mediações podem ser consideradas estratégias de comunicação que o indivíduo, ao participar, pode representar não só a si próprio como tudo ao seu entorno, o que gera uma expressiva troca de sentidos e de produção.

A variedade das mediações diz respeito aos aspectos:

- Estruturais (classe social, experiências, conhecimentos, família, etc.)
- Institucionais (escola, igreja, política, esporte, etc.)
- Conjunturais (modo de enxergar a vida, acervo cultural, etc.)
- Tecnológicos (televisão, rádio, cinema, etc.). É através deles que é possível

compreender a interação entre produção e recepção ou entre lógicas do sistema produtivo e lógica dos usos.

Em outras palavras, Barbero começou a chamar de mediações justamente os espaços, as formas de comunicação que estavam, por exemplo, entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. Ou seja, mediação significa que entre estímulo e resposta

há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos e tudo que se configura na cultura cotidiana. O autor afirma que tentar medir a importância dos meios em si mesmos, sem levar em consideração toda a bagagem de mundo e de gente, é estar falsificando a vida para que caiba no modelo de estudos dos meios. “Os meios influem, mas conforme o que as pessoas esperam deles, conforme o que elas pedem aos meios”³.

Assim sendo, todas as mensagens fornecidas pelos meios não estão ligadas unicamente com a lógica produtiva ou comercial, mas também com os desejos do público receptor e, todas as interpretações feitas pelo receptor são filtradas por suas mediações culturais, que também são trabalhados pelo discurso hegemônico (MARTÍN-BARBERO, 1997).

Entende-se, portanto, que o receptor é bem mais do que um mero sujeito passivo que apenas recebe as mensagens, este por sua vez, é considerado um indivíduo que faz parte do processo de comunicação, a qual tem a capacidade de interpretar os conteúdos das mensagens recebidas de acordo com os valores sociais que defende. O receptor, ao receber a mensagem, “pelo exercício de seu repertório, ele a reconhece. Pela negociação mediadora, ele a dota de sentido” (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 150).

A teoria das mediações culturais esforça-se em enxergar o processo de comunicação de forma multidisciplinar, a partir dos dispositivos socioculturais que influenciam o modo em que os sujeitos envolvidos interpretam o mundo. Por este motivo, o estudo dispõe de capacidade de superar a dicotomia receptor passivo-ativo – muito comum neste tipo de estudo – e une os processos sociais à análise comunicacional, resgatando a criatividade dos indivíduos, o caráter interativo desempenhado com os meios e a complexidade da vida.

Logo, as articulações dos estudos das mediações com a referida pesquisa, foram trazidas por estarem inseridas no ramo da sociologia cultural que preocupam-se com os processos sociais de toda a produção cultural e está presente, inclusive, nas formas de produção que podem ser designadas como ideologias, a qual compreende-se também que as concepções de mundo não são individuais, e sim coletivas. Acreditamos que esta, somada aos estudos culturais e as propostas das epistemologias do sul, dão densidade as inferências realizadas nas análises das reportagens.

³ Entrevista de Jesús Martín-Barbero a Claudia Barcelos, Diálogos Midiológicos, disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/download/2010/1788>

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Como exposto nos capítulos anteriores, a referida pesquisa propôs-se investigar, por meio de estudo exploratório feito em reportagens veiculadas pelo *Portal Sátira* e pelo *Jornal Dois*, como o jornalismo alternativo vem sendo desenvolvido na contemporaneidade, para isso nos baseamos nos pressupostos das Epistemologias do sul, dos Estudos Culturais e das Mediações. Para que fosse possível realizar o presente estudo, foram empreendidas análises de coberturas jornalísticas dos dois veículos alternativos. A investigação buscou saber como o jornalismo alternativo vem sendo desenvolvido na atualidade e quais são suas lutas e resistências. Também levantamos e avaliamos informações relevantes que identificassem as especificidades e características de cada jornal, linha editorial e suas concepções práticas e técnicas acerca do jornalismo. Para este levante, buscamos com os próprios fazedores desta dinâmica todas as informações precisas.

O estudo que aqui se segue sugere uma nova possibilidade de se pensar e de se desenvolver o jornalismo alternativo contemporâneo, de modo que o olhar frente às coberturas defende uma narrativa que não oculte as diversidades que existem por trás da realidade, identificada aqui como plural, e que desenvolva uma comunicação livre, sem nenhum obstáculo, em posições iguais. Essa possibilidade emerge ao passo que torna-se possível identificar problemas e, assim, acaba por fornecer instrumentos analíticos. Deontologicamente falando, a pesquisa, ao apontar para tais possibilidades, mostra-nos como as construções jornalísticas podem ser desenvolvidas de modo mais aprofundado, analítico e humanizado, a partir do momento que considera-se, em primeiro lugar, o receptor como potencial agente de transformação e como parte desse processo de construção. Esse capítulo fora desenvolvido para demonstrar o percurso metodológico da pesquisa. Aqui apresentamos os históricos sobre os veículos jornalísticos selecionados para a análise, bem como a justificativa para o recorte proposto.

Consideramos o contexto sócio-histórico em que a presente pesquisa está inserida, pois sabe-se que é fato que se constrói reflexões acerca das demandas inerentes a um determinado tempo. As produções jornalísticas seguem a mesma dinâmica, uma vez que são produzidas dependendo do contexto ao qual pertencem, moldando suas abordagens e enquadramentos para que se possa atender os anseios do tempo vigente.

Para a análise dos dados das reportagens, nos inspiramos na análise de conteúdo (AC), com base nos direcionamentos propostos pela autora Laurence Bardin (1977).

Também achamos imprescindível fazer a inserção da entrevista como uma metodologia mais técnica, utilizada para buscar e analisar as informações acerca da prática e técnicas desenvolvidas pelos veículos. Através das categorias analíticas embasadas nos preceitos da comunicação alternativa, contextualizadas sob os aparatos das referências teóricas utilizadas e expostas anteriormente, fizemos as análises das reportagens e demos prosseguimento para a terceira fase do método, que trata justamente das interpretações e inferências do material coletado.

Antes, porém, achamos importante destacar o ponto de onde este trabalho parte. A presente pesquisa nasce da necessidade de buscar conhecer e dar visibilidade ao universo desses meios de comunicação que foram e continuam sendo importantes para a democratização da comunicação, bem como na contribuição do processo de desconstrução do pensamento hegemônico. Deparamo-nos com inúmeras pesquisas que abordam o jornalismo alternativo em determinados períodos históricos. Reconhecemos seu valor pois lutar em defesa dos direitos de uma imprensa democrática, direitos esses muitas vezes suprimidos, é uma tarefa árdua e perigosa, principalmente em períodos como no colonialismo ou regime militar. No entanto, esta pesquisa entende que também é importante buscar conhecer como este processo comunicacional vem sendo desenvolvido na contemporaneidade, uma vez que passado os períodos históricos, o Brasil e a imprensa sofreram transformações expressivas, o que atingiu diretamente o mercado editorial dessas publicações.

As investigações sobre o jornalismo alternativo contemporâneo ainda têm um campo aberto para ser desvendado. É nesse espaço que o nosso estudo pretende somar principalmente por buscar explorar a dinâmica comunicacional desempenhada por dois veículos diferentes, pertencentes a duas regiões distintas. Algumas pesquisas de mestrado e doutorado que abordam a comunicação alternativa estão focadas no alternativo “histórico” e fazem análise de cobertura de períodos já passados. Na Amazônia, por exemplo, temos o trabalho *“Imprensa e poder na Amazônia: a guerra discursiva do paraense O Liberal com seus adversários”*⁴, de (SEIXAS, CASTRO, 2014), que aborda o embate discursivo entre jornais paraenses, ditos hegemônicos, com o *Jornal Pessoal* fazendo contraponto. Temos também o estudo de (SILVA, 2016), intitulado

⁴ Disponível em <file:///C:/Users/Samsung/Downloads/Dialnet-ImprensaEPoderNaAmazonia-4790775.pdf>
- Acesso em 08/11/2020.

“*Comunicação alternativa: apontamentos sobre o Varadouro – Jornal das Selvas*⁵”, que faz ricos apontamentos sobre o mencionado periódico, que circulou no Acre de 1977 a 1981. Contudo, não temos conhecimento de que haja estudos que investiguem o jornalismo alternativo contemporâneo desenvolvida na Amazônia, que abarque o estado do Amazonas, especificamente o Baixo Amazonas, onde está localizada a cidade de Parintins, município onde o *Portal Sátira*, um de nossos objetos de pesquisa, nasceu.

O recorte do material jornalístico coletado para análise, elaborado pelo *Portal Sátira* e pelo *Jornal Dois*, foi feito com base no tema, pelo período em que um dos jornais ainda circulava e pelo cenário de polarização política instaurado no Brasil desde o período pré pleito presidencial. Não se trata de uma escolha aleatória. Os momentos foram caracterizados (e vem sendo até a atualidade) por embates onde grupos minoritários são constantemente silenciados e acabam sendo excluídos dos processos comunicacionais. Por este motivo, como já mencionado anteriormente, amarramos a referida discussão com o jornalismo alternativo, por considerá-lo um agente social capaz de expor as fragilidades do contexto social.

Os veículos selecionados possuem características similares, porém com evidentes diferenças em seus contextos e abordagens, começando pelo tempo e forma de produção. No entanto, nossa intenção não é realizar um estudo que faça comparações entre os enquadramentos utilizados pelos veículos, mas sim, desenvolver estudo exploratório capaz de levantar reflexões sobre a prática jornalística alternativa desenvolvida na contemporaneidade, mostrando suas atuais lutas e resistências.

4.1. Materiais de análise

Acreditamos ser relevante propor um estudo que realize pesquisa comparativa e exploratória de como o jornalismo alternativo vem sendo desenvolvido atualmente em duas diferentes regiões do país, em estados distintos não só geograficamente, mas também econômica e culturalmente. Para isso, utilizamos dois veículos, um de cada região. Essa diversidade pode nos ajudar a compreender melhor como se manifesta a mídia alternativa em regiões diferentes, dentro do país. Optou-se, portanto, pelo estado de São Paulo, situado na região sudeste, o mais populoso - representando 22% da população brasileira

⁵ Disponível em http://www.alcarnorte.com.br/wp-content/uploads/alcarnorte2016_comunicacao_alternativa_apontamentos_sobre_o_varadouro_jornal_das_selvas.pdf - Acesso em 09/11/2020

- e dono do maior Produto Interno Bruto (PIB) do país. O segundo estado escolhido foi o Amazonas, situado no norte do país, maior estado em extensão territorial e coberto pela maior floresta tropical do mundo. Dono do quarto maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país e o maior PIB de sua região.

Investigar a comunicação alternativa de São Paulo e do Amazonas torna-se interessante por se tratar de duas regiões e estados diversos, múltiplos e dotados de diversidades singulares. De um lado temos um estado homônimo, possuidor do principal centro financeiro da América do Sul, com diversos setores da comunicação e tecnologia atingindo altos índices de desenvolvimento e de outro um estado rico em florestas, fauna e flora, que enfrenta dificuldades em desempenho de atividades básicas de comunicação como telefonia móvel e internet.

Os dois veículos da comunicação alternativa têm relevância nos contextos políticos, social e cultural nas cidades que atuam, entretanto, não há nenhum trabalho científico que os aborde, dentro da perspectiva proposta no estudo que aqui se segue. O *Portal Sátira*⁶, por exemplo, surgiu em 2016, na cidade de Parintins, situada na região do Baixo Amazonas, fruto do Trabalho de Conclusão de Curso de um ex aluno do curso de jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas. O veículo começou como um blog pessoal, carregado de artigos de opinião e crônicas e, posteriormente, o idealizador do projeto, o jornalista Gabriel Ferreira, decidiu transformá-lo em um portal de notícias. Após algumas mudanças e adequações, o *Portal Sátira* ganhou alguns colaboradores e, com o objetivo de desenvolver um espaço web multimidiático no âmbito do jornalismo digital e independente, que explorasse temáticas da cidade e da região amazônica o veículo foi ganhando visibilidade.

O *Portal Sátira* passou a levar para o espaço virtual discussões multitemáticas que fomentassem diálogos alternativos para a sociedade e, começou a apresentar um viés totalmente diferente do que é comum ver na localidade, no que se refere a produções jornalísticas acerca das temáticas da região. Seguindo os princípios da comunicação alternativa, o portal sempre deu voz as minorias e levantava discussões sobre os problemas sociais enfrentados na cidade de Parintins, muitas vezes não abordados pela grande mídia parintinense, que se limita em veicular informações de uma Amazônia exótica, turística, portadoras de inúmeros estereótipos criados sobre a região. Os grandes veículos de comunicação da cidade são dirigidos pelas igrejas, católica e batista e, por

⁶ Pode ser acessado no endereço <https://www.xn--stira-xqa.com/>

grupos de empresários e políticos, o que fazem com que as principais notícias da cidade sejam tendenciosas e carregadas de sensacionalismo. É comum que se veicule também uma imagem de Parintins perfeita, colorida e que gira em torno de duas grandes festas populares, as únicas, inclusive, que ganham os holofotes da mídia.

Parintins é uma ilha com extensão territorial de quase seis mil quilômetros quadrados e, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2020, sua população está estimada em pouco mais de 115 mil habitantes. É o segundo município mais populoso do estado do Amazonas, e fica a 369 quilômetros da capital Manaus. Popularmente conhecida como Ilha Tupinambarana, devidos as tribos dos índios Tupinambás serem natural daquela região, a ilha também é conhecida internacionalmente por ser sede de um dos maiores festivais folclóricos a céu aberto do país, que tem como personagens principais os bois Caprichoso e Garantido.

Já o *Jornal Dois*⁷ é um veículo de comunicação que surgiu no dia 26 de novembro de 2017, na cidade de Bauru, localizada na região centro oeste do estado de São Paulo. Também é fruto de trabalho de conclusão de curso, realizado por um grupo de ex alunos de jornalismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp). O *Jornal Dois* passou a circular na cidade para fazer contraponto às formas de como as desigualdades e opressões são vinculadas pela mídia tradicional, detentora e porta voz do poder vigente. Posiciona-se contra as políticas de exclusão do capitalismo, que visa o lucro e trata as notícias como mercadoria.

Em meio a isso, o veículo nasceu justamente da proposta de ser possibilidade de uma diversidade real em ter uma segunda visão sobre os acontecimentos da cidade, uma vez que Bauru enfrenta um domínio do oligopólio na produção da informação. Por este motivo, o jornalista e um dos fundadores do grupo, Lucas Zanetti, disse que buscando atingir um público geral, o grupo tem o projeto de distribuir uma versão impressa de baixo custo na rua Batista de Carvalho – principal rua comercial da cidade - para que membros da classe trabalhadora, que não têm acesso à internet, possam receber essa visão alternativa.

Por meio de um olhar humanizado, o *Jornal Dois* costuma dar destaque aos pontos de vista de grupos sociais marginalizados, que são excluídos das produções noticiosas locais. Busca criar ligações diretas e comprometidas com as classes populares, sem compromisso com publicidades, apenas para discutir os fatos da melhor maneira

⁷ Pode ser acessado no endereço <http://jornaldois.com.br/>

possível e mostrar para a sociedade quais as consequências que estes podem ter na vida das pessoas.

O periódico dispõe de um ambiente virtual em que as estruturas gráfica e linguística são inovadoras, somadas a uma linha editorial clara e a formação de uma equipe de profissionais qualificados. *Jornal Dois* defende que é possível desenvolver o jornalismo de forma ética e responsável, comprometido com os direitos humanos. Dessa forma, o meio de comunicação tem como objetivo revelar tais contradições de maneira acessível e livre dos interesses econômicos, em que é comum ver os fatos sendo veiculados de forma distorcida, o que dificulta o entendimento acerca dos reais problemas do município.

O *Jornal Dois* defende ainda que o leitor tenha autonomia para buscar diferentes fontes de informações e por este motivo, compreende o jornalismo como um meio social de produção de conhecimento. Desenvolve a prática jornalística de forma comprometida, defendendo que há possibilidade de realizar um jornalismo com objetividade desde que se busque conhecer os casos, para noticiar os fatos de forma que o contexto histórico, político e cultural sejam apresentados, construindo textos, vídeos e áudios que vão direto ao ponto, não dando espaço assim para espetacularização e/ou sensacionalismo.

Para efeitos de pesquisas no campo da comunicação, especificamente no viés do jornalismo alternativo, desenvolver análises em dois veículos cujas características são notoriamente similares, porém com singularidades bem próprias, nos possibilita ampliar as perspectivas acerca dos aspectos normativos da *práxis* jornalística. Tanto os pontos de convergências quanto as semelhanças entre os modos de produção e veiculação dos dois veículos nos possibilitam enxergar a forma com que as mensagens são elaboradas e quais os efeitos que estas esperam. Por meio da análise de conteúdo, poderemos visualizar como os veículos vem desenvolvendo o jornalismo alternativo atualmente.

4.2. A análise de conteúdo

Como pôde ser visto, para agregar às discussões teóricas expostas anteriormente, utilizamos como metodologia a análise de conteúdo pois esta conta com uma versatilidade que nos indica não apenas os aspectos quantitativos, mas, principalmente, os qualitativos, que contribui de forma significativa para a terceira etapa de análise, onde fizemos as interpretações e inferências dos dados coletados.

Por meio da análise de conteúdo temos a possibilidade de ter um olhar pormenorizado das formas simbólicas, isto é, as reportagens veiculadas pelo *Portal Sátira* e pelo *Jornal Dois*, onde é possível relacionar as categorias de análise a partir do jornalismo alternativo e da fundamentação teórica trazida nos conteúdos jornalísticos produzidos.

Consideramos como base o conceito de análise de conteúdo proposto pela autora francesa Laurence Bardin (1977, p. 42) que diz que a metodologia é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A referida metodologia também dispõe de potencial expressivo quando utilizada em pesquisas no âmbito da comunicação pois auxilia na compreensão das intencionalidades presentes no processo de elaboração das mensagens. Ao ser agregada com outra metodologia e às fundamentações teóricas trazidas para este estudo, juntamente com as categorias analíticas propostas, tem a possibilidade de sugerir sistematização da análise, de modo que os aspectos ressaltados, unidos à estrutura do material coletado para análise, dão possibilidade de realização de interpretações e inferências das formas simbólicas. A análise de conteúdo dispõe de fases que possibilitam ter um olhar detalhado dos conteúdos analisados. O método é sistematizado e, por isso, auxilia pesquisadores diante dos desafios inerentes aos diversos campos de conhecimento, inclusive a comunicação (FONSECA JUNIOR, 2005).

A metodologia escolhida propõe algumas fases bem diferenciadas e que passamos a explicitar. Na primeira, chamada de pré-análise, desenvolvemos a sistematização das ideias iniciais proposta pelo referencial teórico escolhido para que fosse possível realizar estabelecimento de indicadores das informações coletadas. É nesta fase que realizamos a leitura geral do material analisado e o organizamos para atingir a sistematização, o que nos conduziu as sucessivas operações. Esta primeira fase compreende a (1) Leitura Flutuante, onde temos o primeiro contato com os documentos coletados, conhecemos o texto e demais informações que fizeram parte da análise. Na (2) Escolha dos Documentos, definimos nosso *corpus* para posteriormente realizarmos a (3) Formulação das hipóteses e objetivos e então (4) elaboramos nossos indicadores, momento em que interpretamos

os dados coletados. Ressaltamos que para escolhermos os dados que foram analisados, obedecemos às orientações das regras de: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (BARDIN, 2009).

A segunda etapa de análise é a Exploração do Material, que consiste na construção das operações de codificação, em que recortamos os textos em unidades de registros, definimos as regras de contagem e classificamos e agregamos as informações em categorias temáticas. Foi nessa fase que o texto de todo o material coletado foi recortado em unidades de registro para então realizarmos a categorização. Tais categorias foram agrupadas inicialmente por temas, que geraram categorias intermediárias e que, por conseguinte, também resultaram em categorias finais. Para isso, usamos o processo indutivo ou inferencial, em que procuramos compreender o sentido de fala postos no conteúdo analisado, o que nos levou a buscar significação da mensagem primeira.

O Tratamento dos Resultados é a terceira fase do método. Nela realizamos a inferência e interpretação de todo o conteúdo contido no material coletado. As categorias existentes em cada apreciação nos possibilitaram realizar análise comparativa ressaltando os aspectos semelhantes e os que foram entendidos como diferentes. De forma objetiva, podemos dizer que para utilizar o método escolhido seguimos as seguintes fases: a) leitura geral do material; b) codificação para formulação de categorias de análise; c) recorte do material; d) estabelecimento de categorias temáticas; e) agrupamento das unidades de registro em categorias comuns; f) agrupamento progressivo das categorias (iniciais – intermediárias – finais); g) inferência e interpretação, respaldados no referencial teórico escolhido.

De acordo com os pressupostos estabelecidos pela fase da *pré-análise*, selecionamos as reportagens veiculadas pelo *Portal Sátira* e pelo *Jornal Dois*, dentro do período proposto. Realizamos uma busca relacionada à temáticas que ambos os veículos abordassem e ao contexto em que as reportagens selecionadas foram produzidas. Fizemos pesquisa inicial dos textos por meio de palavras que tinham temáticas que se relacionavam. Extraímos narrativas que abordassem temas diversos, porém que fossem veiculados pelos dois veículos, mais ou menos no mesmo período ou com alguma semelhança. É importante destacar que a diferença presente nas reportagens se deve as limitações e diferentes formas de produção e veiculação que cada veículo dispõe. Apesar de serem veículos que carregam diversas similaridades, possuem escopos notadamente distintos. Por este motivo, nossas análises estão concentradas nos processos que incidem as referidas dinâmicas de produção.

4.3. Categorias de análise

Após fazermos as apresentações das fundamentações teóricas pertinentes à referida pesquisa, relacionamos as categorias de análise que nos darão suporte no processo de inferência e interpretação dos dados. Bardin (1977, p. 117) diz que o momento da categorização nos possibilita classificar os elementos constitutivos que serão utilizados no objeto analisado, agrupados de acordo com os critérios previamente definidos. “As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos” (BARDIN, 1977, p. 117). Optamos pelo *semântico* como critério de categorização, uma vez que este leva em conta os sentidos e significados referentes aos conteúdos, que podem ser tanto os textuais quanto os imagéticos, e nos dão possibilidade a efetivação de análise qualitativa. Em nossas análises nos concentramos precisamente nas mensagens textuais.

Apresentamos, no quadro a seguir, as categorias de análise que selecionamos, estas tomam como base os conceitos do jornalismo alternativo e as discussões levantadas acerca da fundamentação teórica sugerida, epistemologias do sul e os estudos culturais e das mediações.

Quadro 2. Categorias de Análise

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
<p style="text-align: center;">Atores sociais</p>	<p>Esta categoria está relacionada aos personagens que integram a narrativa jornalística (fontes). A prática do Jornalismo Alternativo dá garantia a multiplicidade de vozes, enquanto a imprensa hegemônica privilegia as chamadas “fontes oficiais”, o que pode resultar em abordagens tendenciosas. Garantir a pluralidade de vozes evita exclusões e silenciamentos, o que é essencial em coberturas sobre os grupos minoritários.</p>

<p style="text-align: center;">Conjuntura econômica e sociopolítica</p>	<p>Visa à contextualização, isto é, à forma como o jornalista exhibe (ou não) nas reportagens a conjuntura econômica e/ou social e/ou política que faz parte do contexto em que está a problemática central abordada na unidade de informação.</p>
<p style="text-align: center;">Regionalização</p>	<p>Esta categoria diz respeito aos termos que o veículo de comunicação utiliza para se referir a temática e aos personagens nela presentes. Alguns termos valorizam a linguagem local e outros podem ter conotação desumanizadora, negativa ou vitimizadora.</p>
<p style="text-align: center;">Identidade, cultura e adaptação</p>	<p>Esta categoria diz respeito à referência que as unidades de informação exploram ao utilizarem elementos relacionados à identidade, cultura e adaptação na região dos personagens.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Como terceira - e última - fase de seus métodos de análise, a análise de conteúdo indica a inferência e interpretação dos resultados. A referida seleção, feita por meio das categorias analíticas, permite, no primeiro momento, a criação de dados quantitativos. Essa quantificação é importante para que se possa codificar os padrões jornalísticos presentes nos veículos de comunicação analisados. Com as categorias de análise podemos dar prosseguimento com a análise discursiva dos dados coletados, auxiliando-nos a formular inferências e interpretações acerca dos objetos analisados e, assim, poder responder ao problema inicial da presente pesquisa.

4.4. Entrevista

Como mencionado, utilizamos a entrevista como um segundo método de coleta de dados para que fosse possível contribuir no avanço do debate levantado neste trabalho, bem como uma estratégia complementar que nos auxiliou no melhor entendimento acerca do conteúdo pesquisado. Acreditamos, assim como Duarte (2004), que embora não haja obrigatoriedade da utilização da entrevista em pesquisas qualitativas, ainda assim é um método muito requisitado.

Para utilizar a entrevista como um procedimento técnico e/ou uma técnica de coleta de dados, é necessário que façamos um planejamento prévio e tenhamos ética, principalmente quando fazemos a escolha dos componentes, sejam eles o entrevistador, local ou até mesmo o modo em que esta será desenvolvida (BICUDO, 2006). É importante também que os entrevistados sejam orientados sobre o objetivo para que se tenha recorrido a entrevista no levante das informações, caso haja necessidade, orientar também sobre o sigilo profissional e a possibilidade de interrupção da entrevista. Ao término das orientações e após a autorização por livre consentimento das fontes é que a entrevista pode ser iniciada (FALCÃO; TÉNIES, 2000).

Manzini (2004) apresenta três tipos de entrevistas: estruturadas, semi-estruturadas e não-estruturadas. Entrevistas estruturadas são aquelas que contém perguntas fechadas, semelhantes a formulários e sem muita flexibilidade; as semi-estruturadas são direcionadas por um roteiro previamente elaborado, que geralmente se compõe por questões abertas; já as não-estruturadas são as que oferecem ampla liberdade na formulação das perguntas e na intervenção da fala do entrevistado. A semi-estruturada é um dos modelos mais utilizados de entrevistas, pois guia-se por um roteiro de questões ao qual permite uma organização prévia e flexível, e dar amplitude aos questionamentos à medida em que a fonte vai fornecendo as informações. Para esta pesquisa, portanto, recorreremos a entrevistas semi-estruturadas para coletar, junto aos jornalistas dos dois veículos analisados, informações sobre as práticas jornalísticas desempenhadas por eles e pelos jornais que trabalham.

Para a elaboração e adequação do roteiro das entrevistas que realizamos, consideramos a vivência do pesquisador, a literatura acerca da temática estudada, as informações obtidas previamente – pesquisas nos próprios *sites* dos jornais e conversas informais –, o contexto em que os jornais analisados estão inseridos e o cenário do momento em que as reportagens foram veiculadas. As entrevistas foram feitas de forma

online, pois quando chegamos a essa etapa da pesquisa, vivenciamos um cenário delicado da pandemia do Coronavírus (COVID-19), em que o distanciamento social era necessário. Por este motivo também ficamos impossibilitados de participar de reuniões de pautas dos jornais, metas essas que faziam parte de nosso cronograma.

Ainda que limitados, os encontros (*online*) e trocas foram esclarecedores e enriqueceu o trabalho de forma significativa, não havendo nenhum tipo de dificuldade no contato ou fornecimento de informações. Tudo isso foi possível devido ao planejamento, preparo teórico e habilidade técnica no momento da coleta, da transcrição e da análise dos dados, tal qual como sugere Duarte (2004).

Ainda que tenhamos seguido todos os passos para a realização de uma boa entrevista e para que tivéssemos sucesso na coleta dos dados, reforçamos que somente a entrevista não daria conta para que alcançássemos resultados expressivos. A referida técnica fora utilizada para levantar e avaliar informações relevantes que identificassem as especificidades e características de cada jornal, linha editorial e suas concepções práticas e técnicas acerca do jornalismo.

Trocas de *e-mails*, mensagens na rede social *WhatsApp* e videoconferência via *Google meet*, foram os canais utilizados para nossos encontros e trocas. Gabriel Ferreira foi o entrevistado do *Portal Sátira*, este que é jornalista, fundador e editor do veículo amazonense. Já no *Jornal Dois*, de Bauru, entrevistamos a repórter, Camila Araújo. Consideramos os agentes entrevistados como portadores de um leque de conhecimento sobre os modos de fazer e agir do jornalismo alternativo na contemporaneidade, encandeando não só as suas ações, mas reafirmando também suas condutas habitualmente assumidas.

5. ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES

Neste capítulo apresentamos as análises das reportagens publicadas no *Portal Sátira* e no *Jornal Dois*. Fizemos o recorte com base em matérias convergentes que foram veiculadas em datas similares ou aproximadas onde os veículos noticiaram determinado fato. Demonstramos como foram empreendidas as interpretações e inferências feitas do material jornalístico coletado, a partir, é claro, da aplicação dos procedimentos metodológicos propostos e, como mencionado, utilizamos a entrevista e a análise de conteúdo. É importante reiterar que, por se tratar de dois veículos que possuem vieses e posicionamentos similares, não temos a intenção de desenvolver apenas análise comparativa, mas também exploratória, para que possamos discutir, da melhor forma possível, como os dois veículos vêm desenvolvendo e produzindo o jornalismo alternativo nos dias atuais, à luz de fundamentações teóricas aplicadas a comunicação que reafirmam os fundamentos desta dinâmica comunicacional, bem como analisar qual a concepção de jornalismo alternativo praticada pelos veículos.

No quadro 3 exibimos as reportagens analisadas. Nelas avaliamos os conteúdos de maneira quantitativa e qualitativa, para que fosse possível avaliar as tendências que se reafirmam nas narrativas, munidos pelas categorias de análise que propomos, mencionadas anteriormente.

Quadro 3. Reportagens exploradas nas análises

	VEÍCULO	DATA	TÍTULO	LINK
1.	Portal Sátira	15/02/2018	Futebol parintinense, do auge a queda	https://www.xn--stira-xqa.com/2018/02/futebol-parintinense-do-auge-queda.html
2.	Portal Sátira	15/05/2018	Umbanda: a essência por trás do estereótipo	https://www.xn--stira-xqa.com/2018/05/umbanda-essencia-por-tras-do-estereotipo.html

3.	Portal Sátira	05/05/2018	A nirvana dos venezuelanos: a casa de acolhida Santa Catarina	https://www.xn--stira-xqa.com/2018/05/o-nirvana-dos-venezuelanos-casa-de.html
4.	Portal Sátira	19/09/2018	Núcleo de apoio a vida Manaus busca a reimplantação do CVV na cidade	https://www.xn--stira-xqa.com/2018/09/nucleo-de-apoio-vida-manaus-busca.html
5.	Portal Sátira	28/07/2017	Os primeiros passos da renovação carismática católica em Parintins	https://www.xn--stira-xqa.com/2017/07/os-primeiros-passos-da-renovacao.html
6.	Jornal Dois	03/02/2018	O panorama do futebol amador em 2018	http://jornaldois.com.br/o-panorama-do-futebol-amador-em-2018/
7.	Jornal Dois	30/05/2019	Estudante de Bauru lança manual por um jornalismo sem preconceito religioso	http://jornaldois.com.br/minimanual-umbanda/
8.	Jornal Dois	23/05/2018	Moradia popular em prédios abandonados: o que pode rolar no centro de Bauru?	http://jornaldois.com.br/moradia-popular-em-predios-abandonados-o-que-pode-rolar-no-centro-de-bauru/
9.	Jornal Dois	10/08/2018	Saúde mental da população negra: como o racismo adoece os negros no Brasil	http://jornaldois.com.br/saude-mental-negra/

10	Jornal Dois	04/12/2018	Pastora, negra, lésbica: Marianna quer uma nova igreja para Bauru	http://jornaldois.com.br/pastora-negra-lesbica-marianna-quer-uma-nova-igreja-para-bauru/
----	-------------	------------	---	---

Fonte: Elaborado pela autora

5.1. Análise 1: Esporte

Iniciamos nossas análises com o esporte como convergência presente em matérias publicadas pelo *Portal Sátira* (AM) e pelo *Jornal Dois* (SP), ambas veiculadas nos portais no mês de fevereiro do ano de 2018. Como mencionado, exploraremos como os referidos meios de comunicação abordam temáticas convergentes e como deu-se todo o processo de produção do material.

O *Portal Sátira* veiculou a reportagem “Futebol parintinense, do auge a queda” no dia 15 de fevereiro de 2018 e, de forma clara, no título já apresenta o esporte como temática abordada, mais precisamente o esporte local, com o futebol parintinense, sendo, portanto, um tema de interesse local. A partir dos fundamentos dos estudos culturais e das mediações, identificamos por meio da história de vida e experiências culturais vividas pelos atores sociais envolvidos na narrativa - desde o principal fornecedor das informações, o senhor Nilo Gama, ex jogador aposentado, ao veterano jornalista de esporte, Flavio Luiz, bem como o próprio jornalista responsável pela reportagem analisada, José Brilhante – onde diz que o futebol parintinense vive um período de declínio, como o próprio título da reportagem menciona. Os personagens que vivenciaram os tempos áureos desse esporte lamentam a atual situação e culpam a tecnologia, a globalização, o alcoolismo (mostrado na reportagem como um problema causado pelos próprios “incentivadores” do esporte, uma vez que escolhiam bebidas alcóolicas para pagar ou presentear os jogadores), e por fim, também direcionam essa culpa ao Festival Folclórico de Parintins, justificando que a festa popular atrai maior entusiasmo do povo em participar da brincadeira dos bois e por receber incentivos e verbas que o esporte não dispõe.

A reportagem fora escrita em alguns trechos com um tom humorístico, mas que, visto de maneira mais detalhada, expressa componentes importantes de uma prática de

cultura popular com o exercício de ações não contidas nas regras do esporte. Fica ainda evidente que esse esporte perdeu para outro evento mais industrializado e comercializado como é o Festival Folclórico de Parintins. O jornalista faz questão de contar a história apresentando gírias e utilizando termos regionais para enriquecer a narração da reportagem. Neste caso, temos a presença da categoria de análise **Regionalização**, o que nos remete também a Martín-Barbero (1997) quando ele diz que é preciso (re)conhecer as mediações histórico-culturais dessas possibilidades midiáticas e (re)situá-las dentro do lugar estratégico em que o campo da comunicação passou a exercer na formação de novos modelos da sociedade. Destacamos também que, no texto, o futebol é apresentado como uma manifestação não alienante, de conotação popular, narrado pelas vozes dos atores sociais que vivenciaram aquele período. Dentre eles estão ex-jogadores, treinadores, torcedores fanáticos, incentivadores do esporte e jornalistas esportivos da época. Em meio a isso, mais uma categoria analítica fica em evidência, desta vez a de **Atores sociais**.

Entendendo a comunicação como cultura (HALL, 2003), a reportagem em questão nos possibilitou ver a referida prática como resistência social/cultural, pois vimos que as inter-relações desses padrões foram vividas em um dado período, que contribuiu para que suas estruturas de experiências fossem criadas. Fica claro, por meio das falas dos personagens, perceber que as experiências vividas por aquelas pessoas proporcionaram bagagem social/cultural. Por este motivo, lutam para que ainda possam ter espaços tanto na prática de esporte e lazer, quanto nos espaços comunicacionais, pois é citado que antigamente os veículos de comunicação da cidade disponibilizavam maior espaço nas transmissões radiofônica dos jogos, o que fazia com que a população estivesse informada e, portanto, participasse ativamente dos eventos esportivos do município.

A narrativa foi escrita de forma acessível para mostrar desde o auge até à queda do futebol parintinense. O tom humorístico é utilizado e aparece principalmente quando são narradas as “histórias engraçadas” das partidas de futebol, como por exemplo no trecho em que estas são relatadas:

Em dia de clássico as “cipoadas” de pião roxo estalavam na arquibancada em momentos de dificuldade ou de placar inferior. As senhoras carolas durante a semana, transformavam-se em defensoras e xingadoras de seus times. Tudo era saudável, segundo Zezinho Farias, torcedor do Sul América.

Jogadores passavam por fatos inesquecíveis. Ao bater a lateral no momento do jogo, torcedores da equipe oposta desferiam lambadas de

cipó nas costas do atleta, assim sendo uma forma de intimidação para o jogador. [...] Ouve até desmaios propositais para retirar o goleiro do time adversário em um jogo para desfavorecer a equipe contrária.

A falta de espaços públicos destinados a prática de esporte também é mencionada, fato este que restringe o acesso das minorias e que acabam sendo prejudicadas e permanecendo à margem de uma participação social por serem excluídos e privados de espaço para exercitar o esporte, vimos neste caso a categoria **Conjuntura econômica e sociopolítica**. O relato de um ex jogador confirma a afirmação. Wilson Cabral diz que, com o crescimento urbano da cidade, espaços que antes eram utilizados para a prática da modalidade de forma gratuita e acessível foram retirados.

“A garotada se divertia tranquilo jogando bola. Hoje em dia pra você conseguir um espaço no campo, na areia e no sintético, tudo é pago. E assim acabam restringindo o futebol de Parintins”, explica Wilson.

Para além da escolha em relatar um fato lamentável de forma leve, acredita-se que fora seguida tal estrutura de produção para que os receptores das mensagens pudessem melhor compreendê-la e assim dispor de mecanismos para ter diversas possibilidades de interpretações. Reiteramos aqui, portanto, o papel da comunicação alternativa que, somado as propostas das epistemologias do sul, é um viés jornalístico que possibilita não só dar vez e voz as minorias, mas também fazer contraponto ao sistema vigente, ao poder hegemônico, fato este que podemos observar quando na reportagem analisada são mencionadas duras críticas a prefeitura da cidade, por ficar anos sem direcionar investimentos ao esporte local e também quando são relatados os métodos de negociações dos presidentes dos times, em que uma pequena classe da elite parintinense, composta por médicos, empresários e demais poderosos que faziam parte da Associação da Liga Esportiva Parintinense de Futebol (Alepin) decidiam, por interesses particulares, o resultado das votações de propostas.

Como proposto, trouxemos uma reportagem veiculada pelo *Jornal Dois* que também tem o esporte como tema, especificamente o futebol bauruense. A narrativa apresenta uma diversidade de informações em que são apresentados dados históricos da atividade esportiva e social na cidade de Bauru, suas dinâmicas de realizações de campeonatos, organização e todos os desafios e obstáculos que seus praticantes enfrentam. Esta, como o próprio título destaca, traz a apresentação de um panorama do

futebol amador da cidade de Bauru, que vai desde o cenário futebolístico local, os campos, questões financeiras e breve histórico da atividade. A reportagem possui apenas as falas do Secretário Municipal de Esporte e Lazer (Semel), Luiz Faustini, e de Vicente Silvestre, presidente da Liga Bauruense de Futebol Amador.

Apesar de dar voz ao presidente da liga, principal representante de toda a comunidade esportiva, sentimos falta de falas de jogadores, torcidas e até mesmo de vendedores ambulantes que, além de dependerem financeiramente da realização dos campeonatos, também consomem e fazem parte da atividade esportiva e social. Na reportagem são apontados os cortes feitos pela Semel e as dificuldades que a liga e os participantes enfrentam:

“Ele (secretário) não entende o social do esporte. A Liga Bauruense tem 87 anos de existência pro lazer das pessoas. Tem mais de 30 famílias que sobrevivem vendendo coisas na frente dos campos. O campeonato indo até setembro, essas pessoas vão viver do que? Mais pessoas nas ruas?”, analisa Vicente (...)

“São times formados por pessoas de baixa renda. São pessoas que vão pro sacrifício porque gostam do futebol, ama o futebol. Agora, em cinco meses acaba o campeonato? As equipes montam os times, se esforçam durante quatro meses pra em cinco meses o campeonato acabar?”, continua o presidente da Liga Amadora.

A Secretaria Municipal de Esporte e Lazer aponta a redução dos campos como o principal motivo da diminuição no número de partidas, entretanto a reportagem diz que *“A redução do número de rodadas influi na redução dos gastos com horas extras de funcionários (que trabalham aos finais de semana em dias de jogo)”*. Percebemos novamente a ausência de falas dos praticantes, consumidores e principais interessados no desfecho deste fato. A reportagem foca nas fontes “oficiais”, quando poderiam dar ouvidos aos atores sociais. Trazer tais falas, significa priorizar os atores sociais e conceder espaço a esses grupos que são constantemente vitimados pelo cenário de polarização, opressão e expansão do pensamento capitalista frente à essas práticas.

Contudo, entende-se que a reportagem expõe os cortes que o poder público faz na área social, esportiva e de lazer que a periferia dispõe, e faz críticas a prefeitura da cidade, o que a aproxima da perspectiva do jornalismo alternativo, a qual as utiliza como estratégia de sensibilização diante desses casos, observamos então a presença, nesta reportagem, da categoria de análise **Conjuntura econômica e sociopolítica**.

Em trecho da reportagem, também são apresentadas projeções de como os campeonatos periféricos ficarão após os cortes feitos, o jornalista os narra da seguinte forma:

A diminuição no campeonato é gradativa. Desde 2016 o número de jogos vem caindo exponencialmente. Naquele ano foram 1.086 jogos de futebol amador em Bauru. No ano seguinte, 2017, 664 jogos. A projeção esse ano são de 512 partidas. Com a queda no número de jogos, começa a se notar um movimento dos clubes para não ficar sem jogar. A mobilização em prol do amador é tamanha que, desde que acabou o campeonato de 2017, já começaram a ser jogados amistosos em toda a cidade.

Por meio do fragmento mencionado, tomamos conhecimento do histórico de realização dos campeonatos de futebol de periferia na cidade de Bauru e como, após os cortes, este sofrerá drásticas mudanças. Notamos então a presença da categoria de análise **Identidade, cultura e adaptação**, pois diz respeito a referência usadas para explorar a utilização dos elementos relacionados à identidade, cultura e adaptação na região dos personagens. Nesse sentido, podemos considerar uma crítica a naturalização de como o poder público realiza esses cortes financeiros praticados, na maioria das vezes, contra as chamadas “minorias sociais”.

Nesse sentido, achamos importante reiterar a legitimidade intelectual da comunicação, principalmente por entendê-la como lugar estratégico para se pensar a sociedade e sua pluralidade cultural. O papel do comunicador torna-se indispensável nesse processo, principalmente no que se refere a reivindicação dos direitos que as minorias também dispõem. Nossa análise aponta aqui para o peso social nos estudos e investigações no campo das Mediações Culturais, repensando a relação comunicação-sociedade e redefinindo a importância e responsabilidade do papel dos comunicadores nessa dinâmica.

O espaço que o esporte de periferia e outros assuntos pouco vistos na grande mídia ganham da imprensa alternativa faz com que tais conteúdos sejam disseminados para que mais pessoas tomem conhecimento e superem determinados silenciamentos e exclusões impostos historicamente, que acabaram sendo enraizados. Por este motivo, reafirmamos o papel da comunicação alternativa na contemporaneidade, pois esta serve como parte significativa na luta contra o poder vigente.

5.2. Análise 2: Religião

Acerca da referida temática, o *Portal Sátira* veiculou a reportagem “Umbanda: a essência por trás do estereótipo”, de autoria da jornalista Adriane Vasconcelos, publicada dia 15/05/2018. A narrativa carrega uma diversidade de informações onde são apresentados um pequeno histórico da manifestação cultural na cidade de Parintins, suas características, sessões, ritos e todo o preconceito sofrido pelos seus seguidores. A liberdade de escolha de religião fica, portanto, tal como aparece na matéria, afetada por falta de respeito as crenças individuais. O preconceito para com as religiões, principalmente as de matrizes afro-brasileiras, consiste no juízo preconcebido que os indivíduos têm com base nas percepções sociais negativas criadas destas. A escassez de veiculação desses conteúdos nos meios de comunicação, bem como a veiculação de forma tendenciosa e com estereótipos negativos, contribui significativamente para que atitudes discriminatórias ainda existam.

Nesse sentido, o jornalismo alternativo aborda conteúdos oriundos dos estudos culturais procurando formular esclarecimentos acerca da situação das mídias que tomam a cultura como objeto, tendo como eixo (também) as experiências e gostos pessoais. O conceito de *cultura* abordado aqui, por exemplo, parte do que Edward Burnett Tylor diz, no século 19, em que:

[...] aquele complexo inteiro que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade. (TYLOR, 1958, p. 1)

Partimos do pressuposto de que tudo que envolve hábitos e aptidões humanas, desde a produção de livros, o desenvolvimento de tecnologias, as relações sociais, até a fabricação de mesas e automóveis, são produções culturais (SIQUEIRA e SIQUEIRA, 2007). Percebemos, portanto, a importância da veiculação desses conteúdos nas mídias e entendemos *cultura* nos estudos culturais de alternativos de acordo com o seguinte conceito:

Nos cadernos culturais apareciam elementos que expressariam a forma de ser de um povo. A dança seria uma dessas manifestações de um grupo social que são únicas e não comparáveis. A ênfase de uma parte do jornal coo sendo eminentemente cultural parece obedecer à mesma dicotomia entre civilização e cultura para os intelectuais alemães. Assim, vão aparecer temas ligados às artes, às letras, à filosofia, à

religião, à dança, enfim, assuntos que valorizam as realizações interiores e espirituais. (SIQUEIRA e SIQUEIRA, 2007)

Destacamos no texto o cuidado e respeito com que a temática fora abordada. Nesse sentido podemos afirmar que o interesse da matéria, embora seja local, poderia servir para outras regiões do país. Percebemos também que a jornalista desenvolveu pesquisas prévias e apresentou entrevistas com atores sociais, deixando clara a presença das categorias **Identidade, cultura e adaptação**, bem como a de **Atores sociais**. Destacamos novamente a importância que essas vozes sejam ouvidas, que ocupem seus locais de fala para que elas mesmas representem esse segmento pouco ouvido. Na reportagem em questão, notamos isso por meio das falas da mãe-de-santo, Bena de Oxóssi. É importante dar ouvidos aos próprios protagonistas para que seja possível expor termos específicos e características da Umbanda de forma com que os leitores que desconhecem a religião possam conhecer e compreender a partir do olhar de quem realmente tem propriedade e conhecimento.

Durante as sessões, que são os cultos na umbanda, a mãe-de-santo coordena as cantigas de acordo com os espíritos que são incorporados, além da participação dos filhos-de-santo que também fazem esse processo de transe mediúnico. “Nesse momento, não é possível saber quais espíritos serão incorporados. Cada médium possui um orixá e guias que os auxiliam, e dependendo do momento, qualquer um deles pode ser incorporado”, relata Mãe Bena.

Na Umbanda há um conjunto de instrumentos que formam a música do terreiro que são utilizados durante as sessões, são chamados de Engoma. Tradicionalmente a base de toda engoma são os atabaques (tambores), considerados sagrados que são cruzados pelas entidades, possuindo nomes de acordo com seus tamanhos sendo eles: Rum, o maior Rumpi, o médio e Lê, o pequeno.

Achamos importante reiterar a legitimidade intelectual da comunicação, principalmente por entendê-la como lugar estratégico para se pensar a sociedade e sua pluralidade cultural e religiosa. Nesse sentido, o papel do comunicador torna-se indispensável nesse processo, principalmente no que se refere a desmistificação de conceitos e lutas contra preconceitos. Nossa análise reforça aqui o peso social nos estudos e investigações no campo dos Estudos Culturais e Mediações, repensando a relação comunicação-sociedade e redefinindo a importância e responsabilidade do papel dos comunicadores nessa dinâmica.

O espaço que a Umbanda e outros assuntos pouco vistos na grande mídia ganham no jornalismo alternativo faz com que tais conteúdos sejam disseminados para que mais pessoas tomem conhecimentos e quebrem estereótipos impostos historicamente, que acabaram sendo enraizados. Reafirmamos o papel da mídia alternativa na contemporaneidade, pois esta serve de ponte estratégica para que debates críticos sejam ampliados e tenham também a possibilidade de levar conhecimentos acerca de diversidade cultural/religiosa.

A reportagem destacada que também tem a religião como tema, veiculada pelo *Jornal Dois*, foi publicada no dia 30/05/2019, intitulada “Estudante de Bauru lança manual por um jornalismo sem preconceito religioso”, de autoria da jornalista Bibiana Garrido. Percebemos que a narrativa carrega construções jornalísticas que visam contribuir para que o leitor tenha uma multiplicidade de interpretações, principalmente porque apresenta um produto que traz apontamentos históricos sobre o tema, dar ao público uma vasta possibilidade de analogias, uma vez que contextualiza o passado e auxilia no entendimento de alguns aspectos do presente.

O texto tem caráter orientativo e apresenta uma possibilidade de conhecimento e informações que auxiliam não apenas os jornalistas, público para qual o produto mencionado na reportagem fora escrito (minimanual), mas também para todos aqueles que se referem a manifestações religiosas, principalmente as de raízes afro-brasileiras, de forma pejorativa e/ou preconceituosa.

Está no ar mais um minimanual do Jornalismo Humanizado, e desta vez não lançado por comunicadores das capitais. Um morador e estudante bauruense tomou a iniciativa em defesa do respeito na comunicação com as religiões afro-brasileiras. Felipe Monteiro é umbandista de nascença e por observar coberturas midiáticas que tratam essas manifestações como “charlatanismo”, além do preconceito, intolerância e discursos de ódio que culminam em ataques a terreiros e religiosos, ele resolveu investir na pesquisa para consolidar o trabalho.

A jornalista, de forma clara e objetiva, não só aborda o tema mostrando que é possível desenvolver uma comunicação livre de preconceitos e estigmas contra religiões, como também relaciona os personagens que integram a narrativa. Apesar de exibir apenas uma voz – a do autor do minimanual – e não consultar atores sociais que geralmente são alvos diretos das violências e preconceitos, esta consegue garantir a pluralidade de vozes uma vez que, além de autor, Felipe também é umbandista de nascença, que divide em

entrevista o motivo de ter investido na pesquisa justamente por observar as práticas recorrentes de coberturas preconceituosas e intolerantes. Em meio a isso, temos aqui a presença da categoria **Atores sociais**.

Além das informações mencionadas acima, a reportagem também apresenta opções de livro, música e narra cena de novela como variadas formas em que a temática da religião é abordada. Com certeza a matéria tem como objetivo, de modo pedagógico, até mesmo pelo caderno em que fora publicada, propor reflexões sobre a forma em que o tema é abordado nos veículos jornalísticos, bem como ser uma opção de orientação quando o assunto for religião de matrizes afro-brasileiras.

Da expressão “chuta que é macumba”, ela surge da violência com oferendas preparadas por umbandistas e candomblecistas. Segundo as especificidades de cada religião e cada terreiro, fiéis podem acender velas, levar flores e objetos como forma de agradecimento e pedido de proteção, nos “pontos de força” de cada orixá: a rua, o rio, o mar, a floresta, entre outros.

A categoria de análise **Identidade, cultura e adaptação** também pôde ser percebida no decorrer da narrativa, pois fica evidente a referência que as unidades de informação exploram ao utilizarem elementos relacionados à identidade, cultura e adaptação na região dos personagens. Percebemos também, de forma clara, que a reportagem em questão se aproxima das características do jornalismo alternativo, especialmente por abordar um tema pouco visto nas mídias hegemônicas, e ainda proporcionar uma construção textual que, apesar de objetiva, é consistente.

Para a análise em questão trouxemos o reconhecimento das epistemologias do sul que sustentam na comunicação uma possibilidade de redução de desigualdade no acesso às informações e, sobretudo, a possibilidade de se ter narrativas que não são contadas como única verdade e/ou que ocultam a diversidade que há por trás da realidade, defendida aqui como uma realidade plural e complexa.

5.3. Análise 3: Habitação

A primeira reportagem analisada com essa temática foi “A nirvana dos venezuelanos: a casa de acolhida Santa Catarina”, veiculada pelo *Portal Sátira* em 5 de maio de 2018, assinada por Gabriel Ferreira. O texto não diz respeito diretamente a habitação, no entanto, ao realizarmos buscas de publicações convergentes, chegamos a

essa narrativa. Ainda que o problema social e político de moradia não esteja no centro da abordagem da presente matéria, ela está inserida aqui para que possamos contextualizar a maneira com que o assunto e os problemas causados por ele vêm sendo abordados na atualidade.

A narrativa em questão versa sobre o desafio que famílias de imigrantes enfrentam para se refugiar na capital do estado do Amazonas, Manaus.

Uma família venezuelana oriunda da capital Caracas, chegou ao Brasil após uma longa viagem de Ônibus pela BR 174, trajeto das cidades de Pacaraima e Boa Vista, estado de Roraima. No fim de 2017 Eugênia Rodriguez, Khamile Khalil e Vincenzo Augusto vieram até a Igreja de Santa Catarina de Sena pedir abrigo, pois não tinham um lugar para ficar na cidade.

Segundo a matéria, o motivo que levou a família buscar o Brasil foi a situação precária em que a Venezuela se encontrava, pois “*não havia condições para comprar comida, o nível educacional público era muito baixo*”. Em outro trecho, uma das refugiadas conta que “*no processo de escassez de comida as pessoas roubavam umas às outras por necessidades. Também contou que não havia gasolina nos postos para o transporte público. Disse que as pessoas em situação de rua eram encontradas mortas pelas praças públicas e demais lugares da cidade*”. Como pôde ser observado, tem se tornado cada vez mais comum a imigração de famílias venezuelanas na cidade de Manaus, isso ficou ainda mais frequente após a mudança de governo para a atual gestão de Nicolás Maduro, fato este também apontado na narrativa.

Notamos então a presença, nesta reportagem, da categoria de análise **Conjuntura econômica e sociopolítica**, pois ainda que não seja realizada uma contextualização exibindo de maneira detalhada a conjuntura econômica, social e/ou política que faz parte do contexto em que está a problemática central que fora abordada na unidade de informação, entende-se que o fato desta expor tal temática e apontar as falhas das lideranças políticas faz com que aproxime-a da perspectiva do jornalismo alternativo, a qual utiliza a narrativa como estratégia de sensibilização diante desses casos e faz aberto contraponto ao poder hegemônico.

A reportagem apresenta uma característica bem evidente do jornalismo alternativo que é justamente dar espaço às minorias, percebemos essa especificidade quando são exibidos não apenas os desafios que os refugiados enfrentam, mas também

quando são dados ouvidos para que suas experiências e vivências sejam narradas por eles próprios. Em meio a isso, percebemos no texto a presença da categoria de análise **Atores sociais**.

A segunda narrativa analisada nesta categoria é “Moradia popular em prédios abandonados: o que pode rolar no centro de Bauru?”, publicada pelo *Jornal Dois*, em 23 de maio de 2018, de autoria da jornalista Bibiana Garrido. Diferente da reportagem anterior, que trata a temática habitacional em uma perspectiva que exhibe o problema através da chegada de pessoas que tem direito à moradia e bem estar social, presentes na Constituição, e que buscam se refugiar em casas de acolhida, o assunto habitação abordado pelo veículo bauruense traz alternativas de revitalização de regiões abandonadas que podem ser reaproveitadas para abrigar pessoas de baixa renda. Ou seja, já de início a matéria apresenta expressivos argumentos que contribuem na tentativa de solucionar tal desigualdade.

Nesta reportagem também percebemos a presença da categoria de análise **Atores sociais**, no entanto presente de forma discreta, uma vez que, mesmo que disponha de redação extensa, apresenta somente duas falas pequenas, de apenas uma pessoa que manifesta suas condições de moradia. Apesar de dar garantia a multiplicidade de vozes, notou-se maior comparecimento de “fontes oficiais” com falas de vereadores, chefia de gabinete da prefeitura e citação de documentos como Plano Diretor Participativo (PDP), Leis municipais e Estatuto da cidade. A reportagem também apresenta fala de professor e cientista político que expõe os tipos de desapropriação como alternativa e argumenta que a questão habitacional é algo possível de se resolver com medidas pontuais. *“Quando o Estado fornece habitação para um grupo de moradores, ele resolveu o problema daquele grupo, não resolveu o problema habitacional. O problema habitacional requer uma solução sistêmica”*.

“O que eu tô propondo é que a prefeitura desaproprie o imóvel e o venda para essas empresas interessadas pelo valor da desapropriação, então a prefeitura não precisaria gastar dinheiro”, afirma Segalla. “Na desapropriação você pode pagar um valor mais justo pro imóvel, sem um valor especulativo”.

Diversos argumentos e alternativas são apresentados na matéria para que se possa ao menos tentar minimizar essa deficiência. Inúmeras cobranças são feitas a prefeitura e aos órgãos competentes para assegurar esse direito humano desse grupo

minoritário. Há evidentes críticas aos projetos de moradia popular que, em sua maioria, são destinados para as bordas da cidade, onde ainda não há estrutura e acabam gerando novas demandas. Nesse sentido, nota-se então, a aparição da categoria **Conjuntura econômica e sociopolítica**.

Nesta discussão, destacamos novamente o papel social e político do jornalismo alternativo que, atrelado ao que diz respeito a cidadania, contribui com a garantia dos direitos políticos, civis e sociais de uma nação. Veicular e dar visibilidade ao que garante a concepção de cidadania é ampliar a possibilidade de formalização institucional de direitos como voto, a liberdade de ir e vir, moradia, entre outros. Também coopera com a garantia dos direitos básicos de um indivíduo, como educação, saúde e moradia de qualidade, até os outros menos citados, porém não menos importantes, como o direito à livre expressão, direitos esses negados a grande parte da população.

Diante desse cenário, é impossível falar em garantia de direitos e igualdade em uma sociedade claramente desigual, onde a exclusão e o apagamento da realidade social é constantemente praticado pela mídia hegemônica. Contextualizamos aqui o que dizem as epistemologias do sul à luz da comunicação, que garantem a possibilidade de uma comunicação livre, sendo desenvolvida sem nenhum obstáculo, em posições iguais, onde os indivíduos que fazem parte dessa dinâmica estão unidos apenas, de forma igualitária, de ferramentas que os comunique. Nesse sentido, o jornalismo alternativo força que o campo midiático seja constituído como espaço público do exercício cidadão e é, portanto, uma possibilidade de participação, empoderamento e emancipação das minorias.

5.4. Análise 4: Saúde Mental

Publicada no *Portal Sátira* em 19 de setembro de 2018, a matéria intitulada “Núcleo de apoio à vida Manaus busca a reimplantação do CVV na cidade” é a primeira narrativa analisada com a temática Saúde Mental. O texto, de autoria de Gabriel Ferreira, segue para muito além do teor informativo, visto que cumpre a função social do jornalismo na medida em que presta o serviço de trazer ao público informações relevantes sobre a reimplantação do CVV (Centro de Valorização da Vida) em Manaus. Em um contexto marcado por diversas patologias que incidem sobre a mente, é imprescindível que o jornalismo apresente caminhos sobre o cuidado para com a saúde mental. A prestação de serviço deve ser vista como um dos princípios da prática jornalística, mas, no nosso entendimento, é exercida com mais afinco pelos veículos não-hegemônicos.

A narrativa, neste sentido, condiz com a categoria **Identidade, cultura e adaptação**, visto que apresenta elementos que dialogam sobre como a questão da saúde mental é vista em Manaus. Segundo o texto, a capital do Amazonas conta com o NAVIMA (Núcleo de Apoio à vida de Manaus); formado por 12 pessoas, o núcleo, no período em que a matéria foi divulgada, buscava articulações para a reimplantação do CVV.

Uma das principais características do CVV é o voluntariado. A associação não tem fins lucrativos e é composta por pessoas que prestam apoio emocional a quem necessita conversar. Ao final do texto, são apresentados os contatos do CVV, com explicações contundentes sobre os serviços prestados:

Além dos atendimentos, o CVV desenvolve, em todo o país, outras atividades relacionadas a apoio emocional, com ações abertas à comunidade que estimulam o autoconhecimento e melhor convivência em grupo e consigo mesmo.

Ainda com relação a essa temática, encontramos no *Jornal Dois* a reportagem “Saúde mental da população negra: como o racismo adoece os negros no Brasil”, publicada em 10 de agosto de 2018, assinada por Ana Carolina Moraes. O teor analítico da narrativa é resumido já na linha fina: “*Gênero, raça e classe são indicadores de vulnerabilidade para transtornos mentais na universidade*”, o que nos aponta, mais uma vez, a importância conferida pelo veículo às leituras interseccionais.

Percebemos que o referido texto traz elementos condizentes à duas categorias: **atores sociais e conjuntura econômica e sociopolítica**, pois discorre sobre os impactos do racismo estrutural na saúde mental dos negros e negras. Naturalizada na sociedade, a prática racista se faz presente nos discursos e nos comportamentos aprendidos, que são pouco problematizados, sobretudo pela mídia. A reportagem, neste sentido, fornece dados sobre as principais causas de depressão que incidem sobre a população negra no Brasil. É recorrente no jornalismo alternativo essa capacidade de trazer problematizações acerca de questões complexas; desse modo, o exercício jornalístico é capaz de munir o público leitor de elementos para que formulem suas concepções e (re)pensem em suas posturas como potenciais agentes de transformação.

A discussão interseccional se apresenta a partir de um importante dado:

Homens não-brancos são as maiores vítimas de suicídio no Brasil. Dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde, indicam que, de 2011 a 2016, eles representaram 79% das mortes. Sobre os homens negros, a taxa de mortalidade a cada 100 mil habitantes foi de 7,6. Suicídio é a terceira causa de mortes de homens entre 15 e 29 anos de idade.

Tais constatações indicam o entrecruzamento das questões de raça e gênero na prática de racismo, sobretudo se considerarmos as expectativas e exigências sociais que incidem sobre os homens negros, historicamente rotulados como sinônimo de força e virilidade.

O texto concede voz a diversos/as especialistas, que trazem reflexões sobre como o racismo adoece as pessoas, principalmente no tocante ao sofrimento psicológico. As explicações apresentadas traçam um percurso pedagógico, na medida em que trazem explicações sobre como identificar transtornos e crises mentais; há, neste sentido, uma distinção entre transtornos e crises, como expressa o trecho a seguir, destacando os dizeres da psicóloga Jussara Felipe:

“Tem que ter cuidado em relacionar esse termo [saúde mental] a condições para alguém deixar de fazer alguma atividade. Porque há pessoas que têm transtorno mental, e aí a gente já está falando de patologias, como depressão, de transtorno de personalidade, borderline, afetivo bipolar, sociopatia. Outra situação é quando você passa por um período de crise devido a uma mudança na sua rotina”, explica.

Destacam-se também outros elementos direcionados a privilegiar o potencial crítico do público leitor, uma das características mais latentes do jornalismo alternativo. O texto apresenta dados compilados pelo *Institute for Health Metrics and Evaluation*, da Universidade de Washington, nos EUA: 9,97% dos brasileiros sofriam com transtornos mentais em 2016. Na sequência, é apresentado um infográfico com as estatísticas sobre a incidência de transtornos mentais na população brasileira, observadas a partir do gênero. Autoagressões, ansiedade e depressão são os transtornos apresentados pelo gráfico. Com esses dados em mãos, o público leitor é capaz de observar de forma mais precisa a realidade abordada pelo texto.

Outra informação abordada corresponde ao fato de estudantes negros sofrerem mais com problemas de saúde mental devido à estrutura social racista. Uma das fontes consultadas para refletir sobre tal constatação é Giddeão Gasparino, membro do Coletivo

Negro Kimpa; para ele, a construção dos ideais de masculinidade cerceia a busca por tratamentos por parte dos homens negros. É importante o destaque dado a este ator social, pois seu lugar de fala vai ao encontro da temática abordada pela narrativa. A partir das falas de Gasparino, o texto coloca em evidência alguns problemas de ordem estrutural:

O integrante do Coletivo Negro Kimpa relaciona os cortes nas políticas de permanência estudantil na universidade à saúde mental. “Desde que as cotas foram implantadas, os investimentos para a permanência estudantil não acompanharam a proporção de ingressantes que precisam dos auxílios”, afirma. Giddeão observa que a problemática envolve a falta de acesso, no sentido de tempo e dinheiro: “têm estudantes com dificuldade socioeconômica que, além disso tudo, se preocupam em como vão se manter aqui, algo que a gente sabe que aconteceu com o Rodrigo”.

Rodrigo, mencionado por Giddeão, era estudante de Física na UNESP; ele cometeu suicídio em junho de 2018, o que fez com que a comunidade unespiana pensasse sobre a necessidade urgente de pensar formas de sobrevivência para pessoas negras e demais atores sociais “minorizados”. *“Em resposta aos estudantes, a Faculdade de Ciências da UNESP informou sobre a criação do Núcleo de Apoio à vida, espaço direcionado a estudantes e professores com a realização de atividades que visam a qualidade de vida, como a prática de yoga”.*

É notável a densidade da narrativa, que apresenta a problemática e fornece elementos direcionados a ressignificá-la.

5.5. Análise 5: Lideranças religiosas

Com relação à temática Lideranças Religiosas, identificamos o texto “Os primeiros passos da Renovação Carismática Católica em Parintins”, publicado pelo *Portal Sátira* em 28 de julho de 2017, assinado por Maria Cleide Tenório. A narrativa é uma espécie de relato de experiência, de modo que a autora, ao contar a história do advento do movimento RCC (Renovação Carismática Católica), na cidade de Parintins, compartilha suas vivências. Como mencionado no percurso teórico, a pluralidade de vozes é um dos princípios que conduzem a prática do jornalismo alternativo; desse modo, o veículo concede representatividade às diversas práticas religiosas, como vimos anteriormente, na narrativa focada na umbanda.

Entendemos que a referida narrativa corresponde à categoria **atores sociais**, sobretudo por se tratar de um relato de experiência; o tom informativo, referente ao surgimento da RCC em Parintins, é agregado à visão da autora, que participou deste processo. O breve texto, neste sentido, não apresenta detalhes sobre como o movimento religioso foi articulado na região, mas se constitui como um relato emocionado da personagem, como fica evidente no trecho a seguir:

Era tão bom que nós sonhávamos em uma comunidade de vida e aliança, usávamos calça jeans e camisa de meia branca com o slogan “Jesus te ama!”, foi muito bom, é muito bom. Ao Dom Arcângelo e ao Pe. Dilson em memória nosso amor e gratidão. Viva o Espírito Santo, viva a RCC.

O *Jornal Dois*, por sua vez, traz a matéria intitulada “Pastora, negra, lésbica: Marianna quer uma nova igreja para Bauru”, publicada em 4 de dezembro de 2018, assinada por Bibiana Garrido. O título da publicação já nos remete a uma questão interseccional que costumeiramente é ocultada pela grande mídia; a interseccionalidade corresponde ao cruzamento de marcadores sociais geradores de desigualdade e opressão; no caso da personagem retratada pela matéria, o fato de ser mulher, negra e lésbica a coloca diante de muitos desafios, sobretudo em uma sociedade machista, racista e homofóbica. No nosso entendimento, tais marcadores são evidenciados no título do texto justamente para destacar que Marianna é uma voz dissonante no contexto em que atua, isto é, uma igreja evangélica, majoritariamente liderada por homens heterossexuais.

Todavia, a história de Marianna apresenta um caminho de desconstrução e ruptura de paradigmas; o texto leva os leitores a compreenderem o processo de resistência vivenciado pela personagem, que foi expulsa da casa dos pais e excluída da igreja quando se assumiu lésbica. Segundo a matéria, aos 23 anos, Marianna conheceu a igreja inclusiva e decidiu deixar o culto tradicional da igreja presbiteriana e seguir seu próprio caminho; o texto traz a informação de que Marianna desenvolve militância espiritual, com o anseio de fazer emergir uma nova concepção de igreja evangélica em Bauru (SP).

Já na introdução do texto é possível identificar o foco nos **atores sociais**; percebemos que a narrativa é toda elaborada com a finalidade de contribuir com a desconstrução de estereótipos de gênero, raça e religião. A autora do texto se coloca como agente participativa do relato, de modo que, no trecho a seguir, evidencia seu contato com Marianna:

Foi em um protesto que a vi pela primeira vez. Sem defender nenhum partido, ela anunciou que estava ali por sua fé. No meio da rua, pegou o microfone e reuniu à sua volta as pessoas antes dispersas pela Praça Machado de Mello, no centro. Falou sobre diversidade e direitos humanos, sobre o direito de existir. Os carros buzonavam, formavam fila, e o asfalto estava tomado de gente. Se apresentou: pastora, negra e lésbica. [...] A voz forte que estralou as caixas de som em defesa da população LGBTQ+. “A igreja fala em respeitar o próximo e a igreja inclusiva não pretende substituir o evangelho, ela é um anúncio do próprio evangelho”, diz ela. “As igrejas tradicionais não aceitam as uniões homoafetivas. Jesus mostrou que o amor dele é para todos”.

Na sequência, a matéria aborda a trajetória de vida de Marianna, apresentando ao leitor seu processo de engajamento na fé e também como se deu a autoaceitação de sua sexualidade; inclusive, a narrativa mostra como foi o primeiro beijo da personagem; é notável o teor humanizador que rege o texto.

Identificamos que estes relatos não se dão de forma gratuita, pelo contrário, têm a intenção de apresentar críticas e trazer evidências de como a homossexualidade é vista em um contexto majoritariamente heterossexual e masculino, como é o caso de algumas igrejas. Segundo o texto, quando o pastor descobriu o envolvimento de Marianna com uma mulher, a proibiu de integrar as atividades do culto, de cantar, tocar, pregar e participar dos grupos e atividades da presbiteriana. Logo em seguida, traz informações relevantes sobre as violências que acometem a população LGBTQ+ no Brasil:

Humilhações, hostilizações e ameaças são as principais formas de violência contra a população LGBTQ+, segundo estudo do Instituto Patrícia Galvão. O relatório sobre as agressões homofóbicas no Brasil de 2012 aponta que as violências psicológicas são as mais comuns (presentes em 83,2% das denúncias naquele ano). Em seguida, aparecem casos de discriminação (74%) e violências físicas (32,6%).

Na sequência, a publicação traz um gráfico com dados sobre a violência contra as mulheres, destacando que as LGBTQ+ sofrem mais violências de ordem psicológica, como humilhação, chantagem, hostilização, injúria, ameaça, entre outras.

O tópico final do texto aborda a igreja inclusiva e a população LGBTQ+, que chegou ao Brasil em 2002, acolhendo “pessoas bi, trans, homossexuais, travestis e todo o público rejeitado pelas igrejas tradicionais”.

“Se eu for abrir uma igreja inclusiva aqui em Bauru, não vai muita ter gente frequentando, porque os evangélicos tradicionais rejeitam”, se preocupa a pastora. “Mas o que Jesus fez? Ele acolheu as pessoas que eram rejeitadas, mostrou que o amor vence qualquer barreira e é isso que queremos fazer. É uma honra ser chamada de pastora, mas não sou nenhum ser superior”.

Levando-se em conta as articulações teóricas apresentadas anteriormente, sobretudo com relação aos estudos culturais, percebemos, neste sentido, que a narrativa externaliza caminhos de superação aos leitores que se identificam com a situação da personagem retratada; sentindo-se excluída no ambiente em que crescera, teve a iniciativa de trilhar seus próprios caminhos. Neste sentido, inferimos que a narrativa também traz elementos da categoria **Identidade, cultura e adaptação**, pois apresenta pontos importantes acerca de contextos de opressão homofóbica e racista, bem como elementos direcionados à desconstrução de tais lógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que fora iniciada, a presente pesquisa percorreu um caminho carregado de desafios, muitos questionamentos e, principalmente, por se constituir e estar inserida em um campo de investigação teórico e metodológico que dispõe de uma multiplicidade de alternativas de investigações, levantou inúmeras estratégias para que as narrativas jornalísticas postas aqui pudessem ser analisadas de diferentes maneiras. Este estudo reafirma a importância e o papel social do jornalismo alternativo, pois fica evidente que a referida dinâmica comunicacional é o canal de comunicação utilizado pelas minorias para difundir suas causas, lutas e resistências.

Partimos do pressuposto de que o jornalismo alternativo é então elemento ativo do processo de organização e emancipação popular e, mesmo após tantos anos de sua consolidação e a chegada da internet como fator contribuinte de sua disseminação, ainda se percebe a conservação de desigualdades de acesso a informações plurais e a ausência de vozes das minorias. Desde sua constituição, o jornalismo alternativo se mantém conectado com as lutas dos grupos sociais oprimidos, bem como as dos movimentos populares. Apesar dos direitos conquistados ao longo dos anos e dos avanços, ainda não conseguimos superar a exploração, opressão e marginalização desses grupos.

Por isso, para alcançar nossos objetivos e investigar como o jornalismo alternativo vem sendo desenvolvido nos dias atuais, realizamos, como mencionado no capítulo 4, entrevistas semi-estruturadas com jornalistas dos dois veículos analisados, para buscar informações sobre as práticas jornalísticas desempenhadas por eles e pelos jornais que trabalham. Entrevistamos os jornalistas Gabriel Ferreira, do *Portal Sátira*, e Camila Araújo do *Jornal Dois* que, dividindo suas atuações, nos disseram como exercem suas atividades atualmente.

Demonstrando uma triste característica da imprensa alternativa, o *Portal Sátira* saiu do ar por um tempo e atualmente está de volta, porém, em entrevista, Gabriel Ferreira disse não estar produzindo para o portal há um tempo pois precisou trabalhar em outro veículo e este, que era sua atividade particular e independente, ficou de escanteio. Entretanto, o jornalista dividiu que o processo de produção do portal dava-se por meio de reuniões de pautas com seus colaboradores, para que fosse possível discutir os fatos ocorridos na cidade e região para então definirem as pautas, de acordo, é claro, com o interesse editorial nas coberturas. A seleção era feita também através de matérias que eram produzidos por acadêmicos do curso de jornalismo da Ufam/Parintins, na intenção

de dar maior visibilidade a esses trabalhos – os que se encaixavam nos critérios e valor notícia do portal – para que estes não ficassem restritos apenas aos muros da universidade. O jornalista compartilhou conosco que nunca recebeu nenhum tipo de recurso para manutenção do veículo e que seus colaboradores desenvolviam atividade de forma voluntária. Gabriel finalizou dizendo que pretende retomar as atividades um dia.

O *Jornal Dois*, apesar de ter sua história de criação e constituição similar a do outro veículo analisado, permanece no ar e é articulado de forma mais ativa. A jornalista Camila Araújo compartilhou conosco como pautam as reportagens veiculadas e como se dá esse processo de elaboração.

As reportagens são pautadas em reuniões periódicas que ocorriam semanalmente durante a maior parte do período de existência do Jornal Dois, e que por força da pandemia tornaram-se menos frequentes e passaram a ser realizadas de forma virtual. Hoje, a frequência de reuniões varia de quinzenal a mensal.

Esse espaço de discussão coletiva é fundamental para o alinhamento da equipe em relação a tudo que vem ocorrendo na cidade, e para a definição e aprimoramento de pautas a serem trabalhadas durante a semana. Há todo um critério próprio de valor notícia e de cristalização do interesse editorial na cobertura do Jornal Dois. Esses critérios foram e continuam sendo objeto de intensa discussão entre os integrantes, para que sempre possam ser aprimorados e que continuem refletindo as necessidades, anseios, aspirações e demandas do público que acompanha e que apoia o nosso jornalismo.

Camila nos disse que não se pautam pelo chamado *hard news* e, por isso, há mais tempo para elaboração das reportagens, para explorar enfoques pouco abordados e para o aprofundamento necessário aos temas tratados. As reportagens em sua maioria são desenvolvidas de forma individual e que consideram essencial a elaboração de uma pauta, principalmente nas reportagens de fôlego e de maior complexidade. Usam uma estrutura de pauta bastante rica, que permite analisar os fenômenos em diferentes contextos e ambientes de reverberação, levando em conta a conjuntura e os complexos econômico-sociais. O tempo em que as matérias são produzidas são relativos e o prazo para entrega do material é livremente negociado tendo em vista as condições de quem está produzindo e a urgência do tema.

Não há um tempo determinado para produção dos conteúdos. Há de se lembrar que o projeto funciona de maneira independente, e durante a maior parte da sua existência não havia entrada de dinheiro. Portanto, os participantes têm outras obrigações

profissionais, trabalho, emprego e, no caso de quem ainda está na graduação, o acúmulo dos estudos. Esse fator, que em última instância determina e condiciona o tempo de dedicação ao projeto, é crucial para o andamento dos trabalhos.

Ao ser perguntada sobre considerar o *J2* um veículo da comunicação alternativa, a jornalista respondeu que “*Não é um veículo de comunicação alternativa. O Jornal Dois é uma mídia radical independente*”, justificando que não significar uma adesão ingênua a concepções inválidas como neutralidade, isenção e imparcialidade. Deixa-se evidente que o veículo tem lado, portanto tem uma posição diante da complexidade e do contraditório da realidade. Essa posição nada tem a ver com um trabalho de militância ou de defesa, como se fosse uma assessoria de imprensa. Esse posicionamento reflete-se mais com a abordagem jornalística, com a forma e a dinâmica que será dado ao trabalho de reportagem, compartilhou a jornalista, que finalizou dizendo que o *Jornal Dois* é um veículo contra hegemônico que se posiciona de forma contrária às políticas de exclusão do capitalismo, que visam o lucro ao invés da vida das pessoas. É um veículo de comunicação hegemônico pelos interesses antagônicos ao capital, ou seja, pelos interesses das classes trabalhadoras e de setores populares, periféricos e marginalizados na sociedade bauruense.

Portanto, nesta dissertação, além das articulações teóricas e análises das narrativas jornalísticas, vimos as entrevistas com jornalistas dos dois veículos estudados, na tentativa de investigar como o jornalismo alternativo vem sendo desenvolvido nos dias atuais. Percebemos que, apesar das mudanças históricas e comunicacionais, as práticas dessa perspectiva tiveram que ser reinventadas e adaptadas às novas conjunturas sociais. O jornalismo alternativo vem reorientando suas diferentes práticas para se manter vivo e presente em todos os períodos históricos frente às lutas necessárias.

Com base na realização das análises dos conteúdos coletados, verificou-se que o *Portal Sátira* e o *Jornal Dois* difundem informações que valorizam os fatos de suas cidades, mantendo o público informado acerca de assuntos que estão mais próximos a eles, dando voz a setores que nem sempre estão presentes na grande mídia. As temáticas difundidas nas reportagens nos permitiram perceber que o jornalismo alternativo contemporâneo sobrevive e mantém vivas as suas características históricas, trazendo em seus conteúdos informações em profundidade, o que permite ao receptor ter uma pluralidade de interpretações.

Para facilitar a interpretação das inferências feitas nas narrativas analisadas, trouxemos o gráfico a seguir para auxiliar a visualização da frequência dos textos em cada uma das categorias apresentadas:

Gráfico 1: Frequência das narrativas a partir das categorias analíticas



Fonte: Elaborado pela autora 1

Avaliando a presença da categorização de análise presentes nos conteúdos investigados, percebemos maior presença da categoria **Atores sociais** (42%), seguida pelas categorias **Conjuntura econômica e sociopolítica** (27%) e **Identidade, cultura e adaptação** (26%), ambas com o mesmo quantitativo de frequência e, por fim, a categoria **Regionalização** (5%). Vale ressaltar que as categorias foram formuladas por meio dos fundamentos do jornalismo alternativo e aliando-os às metodologias da entrevista e análise de conteúdo, utilizadas neste estudo, chegamos a essas categorizações.

Com as análises, vimos a importância de dar espaço aos atores sociais para que suas histórias sejam narradas a partir de suas experiências vividas, fato este que contribui para que tais mensagens sejam compreendidas e interpretadas pelos receptores de forma ampla. Para sustentar a referida afirmação, trouxemos aqui o que o estudo barberiano propõe, em que os conteúdos culturais veiculados são responsáveis, somados as vivências culturais, pelos repertórios que cada indivíduo possui de narrar e interpretar a realidade.

Martín-Barbero estabelece, por meio do modelo comunicacional que propôs, um processo de interação onde há um espaço de natureza representativa ou simbólica entre o emissor e o receptor. Este é preenchido pela mensagem que pode ser configurada com

múltiplas variáveis. A partir dessa dinâmica, o autor explica como a mensagem será absorvida:

A verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que trazem consigo seu manual de uso – transmite ao receptor (MARTIN-BARBERO, 2002, p. 55).

Nesse caso, percebemos a importância de ver essas histórias narradas a partir das experiências de indivíduos que vivem diariamente tal realidade. Novamente contextualizamos com o processo comunicacional da teoria das Mediações Culturais, uma vez que, os efeitos causados por esta, diferente dos estudos tradicionais, está na propagação e produção de elementos culturais que são condicionados pelas tecnologias de comunicação e trabalham em harmonia com a sensibilidade e os meios de interpretação do indivíduo, que dotado de sentido, passa a interpretar a mensagem a partir de sua bagagem sociocultural. Por isso:

Pensar os processos de comunicação neste sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 297).

Reiteramos a importância de analisar a comunicação a partir da cultura, posta neste trabalho a partir das implicações do pensamento barberiano, em que pressupõe não centralizar a observação de forma uníssona dos meios, mas fazer com que essa análise seja ampliada para as mediações, que servem como estratégias de comunicação onde a partir da participação do indivíduo, este representa não apenas a si próprio, como também todo o seu entorno, gerando múltiplas trocas de sentidos e possibilidades de interpretações.

Portanto, acredita-se que o jornalismo alternativo, somado a discussões como a das epistemologias do sul, estudos culturais e estudo das mediações, ao serem aplicados diante de conflitos sociais, podem ressignificar e propor novas formas de enquadramento para determinadas coberturas. Reafirmamos que, o fazer do jornalismo alternativo por si só já é uma possibilidade de se fazer algo diferente, algo alternativo. O jornalista e o ato jornalístico alternativos nascem da crença na possibilidade de multiplicidade, de um outro mundo, um outro mundo é possível (OLIVEIRA, 2009).

REFERÊNCIAS

- ATTON, Chris. **Alternative media**. London: SAGE, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: 4^a ed., 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. “A utopia possível na sociedade líquida” in: Revista Cult, no. 138, agosto/2009. S. Paulo: Editora Bregantini.
- BECKER, D; CARVALHO, G. **Jornalismo alternativo na era digital: o caso da Agência Pública**. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)-VI Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo. Nov, 2016.
- BICUDO, F. **A entrevista- testemunho: quando o diálogo é possível**. Revista Caros Amigos. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=333DACOO1> . Acesso em 15/09/2021
- BRITO, L; BUZALAF, M.N. **O Sol e o jornalismo alternativo: rompimento de paradigmas na imprensa brasileira**. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro - RJ – 4 a 7/9/2015.
- BUCCI, E. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto/EDUSP, 1994.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- COLODETI, Elisangela. **Jornalismo alternativo para o século XXI: um estudo sobre os sites Agência Pública e Ponte**. PPGCOM Pontifícia Universidade Católica de Minas gerais. Belo Horizonte, 2016.
- DANTAS, José Guibson. **Teoria das Mediações Culturais: uma proposta de Jesús Martín-Barbero para os estudos de recepção**. Diálogos Possíveis: FSBA, 2008.
- DOWNING, John D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac, 2002.
- DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em Revista, Curitiba, v. 24, p. 213-225, 2004.
- DUBOIS, Jean e outros. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1997.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FALCÃO, T. R.; TÉNIES, J. **Sobre os métodos quantitativos na pesquisa em ciências humanas: riscos e benefícios para o pesquisador**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 81, n. 198, p. 229-243, 2000.

FUCHS, Christian. **“Alternative Media as Critical Media”**. European Journal of Social Theory. n.13, p.173-192. maio 2010. Trimestral. Disponível em <http://est.sagepub.com/content/13/2/173.short>. Acesso em: 29 jun 2020

GOMES, Nilo Sergio S. **A imprensa alternativa ontem, hoje e... amanhã?**. Comunicação apresentada no 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia – Alcar Sudeste 2014, no Rio de Janeiro (RJ). Rio de Janeiro: Rede Alcar, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília, 2003.

JORGE FILHO, José Ismar Petrola. **Jornalismo alternativo ontem e hoje: histórico e esboço de uma definição**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo, 2018.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: Edusc, 2001.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo, Editora Página Aberta: Scritta Editorial, 1º edição, novembro de 1991.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. Editora Página Aberta Ltda, 2 ed., 2001.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MANZINI, E. J. **Entrevista: definição e classificação**. Marília: Unesp, 2004. 4 transparência. P&b, 39 cm x 15 cm.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação & Jornalismo - A Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo, Hacker Editores, 2000.

MARSHALL, L. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Comunicação e mediações culturais**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, vol XXIII, n. 1, jan-jun. 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social.** In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor.* São Paulo: Brasiliense, 2002.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: O diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1995.

MIANI, Rozinaldo A.; DELIBERADOR, Luzia Mitsue Y. **Comunicação popular e comunitária: um campo em construção.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 25. Salvador, set. 2002. Anais. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2002.

MIANI, Rozinaldo Antonio; COUTINHO, Nayara Carvalho; SOUZA, Jean Estevão de. **A disputa da hegemonia no campo da Comunicação: crítica à sociedade midiaticizada e os pressupostos contra hegemônicos da Comunicação Popular e Comunitária.** In: IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul - Intercom Sul. Guarapuava; PR, 2008. Anais. IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul - Intercom Sul, 2008.

MIANI, Rozinaldo A. **Os pressupostos teóricos da comunicação comunitária e sua condição de alternativa política ao monopólio midiático.** Intexto, Porto Alegre, UFRGS, v.02, n.25, p. 221-233, dez. 2011.

MORAES, Dênis. **A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

MORAES, Dênis. **A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

MORAES, Dênis. **Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas.** Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación - vol. IX, n. 2, mayo – ago. / 2007. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/download/Comunicacao_alternativa.pdf. Acesso em: 27 mai 2021.

OLIVEIRA, Dennis. **Jornalismo alternativo, o utopismo iconoclasta.** In: SBPJor. Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: USP, nov. 2009.

OROZCO Gómez, Guillermo. **Recepción televisiva y mediaciones: la construcción de estrategias por la audiencia.** In: Televidencia. Cuadernos de Comunicación, n. 6, Mexico, 1994. (p. 69-88)

OTRE, M.A.C. **Quarenta anos de pesquisa sobre comunicação popular, alternativa e comunitária no Brasil: análise da produção discente na Pós-graduação stricto sensu em Comunicação.** Universidade Metodista de São Paulo: Revista Comunicação e Sociedade, C&S – São Bernardo do Campo, v. 37, n. 3, p. 5-41, set./dez. 2015.

PACHI F, F.F; SOUZA, R.B.R; MOLIANI, J.A. **Comunicação, imprensa e jornalismo alternativos: cartografia dos usos conceituais na produção acadêmica brasileira recente.** PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016.

PACHI F, F.F; SOUZA, R.B.R; MOLIANI, J.A. **Os conceitos diferenciados de comunicação e jornalismo alternativos e o mapeamento da produção acadêmica brasileira recente**. C&S, São Bernardo do Campo/SP, v. 41, n. 2, p. 5-28, mai-ago. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão**. Covilhã: Biblioteca Online das Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>. Acesso em 04 jun. 2020.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Comunicação popular em seus aspectos teóricos. In: PERUZZO, Cicília Maria Krohling. (org.). **Comunicação e culturas populares**. São Paulo: Intercom, 1995.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PERUZZO, C.M.K. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009.

_____. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor**. Revista ECO-POS, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p.46-61.

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática da Comunicação Social**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO Experimental, Editora 34, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-moderno: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003a.

SANTOS, P. **Imprensa Alternativa: discutindo o conceito**. Revista Alterjor, v. 8, n. 2, p. 81- 100, 17 dez. 2013.

SEIXAS, N.S.A; CASTRO, A.O. **Imprensa e poder na Amazônia: a guerra discursiva do paraense O Liberal com seus adversários**. Revista Comunicação Midiática (Online), v. 9, p. 101- 119, 2014.

SILVA, Nathalia Aparecida Aires; VIEIRA, Andressa Carvalho; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. **Comunicação militante na web: um estudo descritivo dos blogueiros progressistas**. Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Mossoró (RN): Intercom, 2013.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira e SIQUEIRA, Euler David. **A cultura no jornalismo cultural**. *Lumina*. Revista do Programa de Pós-graduação em comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. n. 1, v. 1, jun. 2007. Semestral. Disponível em: <http://www.ppgcomufjf.bem->

vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=issue&op=view&path[]=1. Acesso em: 30 maio 2020.

VIGAR, Vivian. **Jornalismo cultural alternativo**. Revista Alterjor, São Paulo, ano 04, vol. 02, ed. 08, jul-dez 2013.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 4. reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.